



**escrita
dos dias II**

dolores
orange

flavia
carvalho

lorena
barbosa

malu
grossi
maia

marina
apolinario

escrita dos dias II

escrita dos dias II

práticas de escrita
biográfica sobre
maternidade

dolores
orange

flavia
carvalho

lorena
barbosa

malu
grossi
maia

marina
apolinario

organização
cecília rocha
fernanda regaldo
maria carolina fenati

sobre este livro

Entre outubro de 2023 e maio de 2024, as cinco autoras reunidas neste volume foram residentes do projeto *Escrita dos dias II — Práticas de escrita biográfica sobre maternidade*. Durante esse breve período, debruçaram-se sobre a própria experiência — como mães, filhas, netas, pacientes, leitoras — para escrever textos que enfrentaram questões relacionadas à maternidade.

Optamos pela palavra “enfrentar” porque ela traz uma dimensão do que foi o trabalho de escrita durante a residência. Às voltas com o próprio tempo e o tempo dos outros — dos filhos, de alunos, da família, do trabalho —, parar para escrever exige uma determinação incomum. A escrita autobiográfica envolve, antes de mais nada, a descoberta da própria voz e da própria língua, uma tarefa que não é óbvia nem simples. Como podem a vivência e a memória ressoar no papel? De que maneira a palavra escrita pode transformar a própria lembrança de uma experiência? E de que forma ela afeta quem lê? A força propulsora do desejo de se fazer ouvir é com frequência refreada pelo medo, pela vergonha e pela ansiedade.

O processo de edição dos textos que compõem este livro se deu pelo compartilhamento da escrita, e também dos dias, dos sentimentos, das ideias e das miudezas do cotidiano. A diversidade de formatos e estilos que se manifestam e se agrupam aqui reflete a pluralidade de visões de mundo e contextos em que estão inseridas as autoras e a construção simbólica que cada uma faz da maternidade, apontando também para o desejo de retomada coletiva dos discursos que nos constituem como mulheres. É uma alegria observar de perto a coragem que move mulheres que escrevem apesar de tudo, porque sentem que é vital lançar suas histórias ao mundo — e nele encontrar reverberações e sentidos.

- 9 **dolores orange**
cão de pedra
- 49 **flavia carvalho**
porque a vida não basta
apontamentos sobre morrer
e nascer de novo
- 99 **lorena barbosa**
depois que você voltar
- 129 **malu grossi maia**
leve o violão
- 169 **marina apolinario**
mulher imperfeita

**dolores
orange**

cão de
pedra

01.

em nove meses, preciso escrever um texto sobre a minha relação com minha mãe, um tratamento contra um câncer e a perda do meu útero.

02.

no final de setembro de 2022, descobri um câncer de colo de útero. era quinta-feira, e minha médica, a que finalmente havia me examinado bem (e a quinta que eu procurava atrás de entender o que eu sentia), me perguntou por mensagem se poderia me ligar. imediatamente entendi que a notícia não seria boa, mas ainda assim meu pensamento não se colou numa doença violenta. atendi o telefone e não estava nervosa. não sei se me sentia só curiosa por enfim descobrir o que me acontecia ou se, contraditoriamente, numa espécie quase brutal de resiliência, eu previa que começaria a viver algo duro. será que eu sabia que aquele telefonema mudaria o curso de tanta coisa e eu precisaria estar de pé para ouvi-lo? caminhava pelo

corredor enquanto falava com a médica, e, sem rodeios, ela anunciou: o exame deu positivo para câncer, você precisa agir com urgência. eu estava sozinha em casa. desliguei o telefone, sentei no chão e fiquei em silêncio por um tempo. nenhuma lágrima. só quase uma hora depois um sentimento de tristeza misturado com raiva me faria soluçar no telefone com minha mãe.

03.

dez dias depois, o diagnóstico seria mais preciso. eu tinha um tumor de quase cinco centímetros, um tanto redondo, localizado na porta do útero.

04.

levei um ano pesquisando meu mal-estar até encontrá-lo. maligno, sim, talvez, no entanto não tão agressivo. eu sobreviveria, me falou o médico radiologista enquanto eu segurava a mão do meu companheiro e continha as lágrimas, sentada em um sofá preto dentro de um amplo consultório. eu só precisava começar o quanto antes o tratamento.

as reações, quais serão?, eu perguntei. e, antes de começar a enumerar as principais consequências, ele empurrou com os pés sua cadeira para perto de mim, o que por um momento me fez pensar que ele pegaria na minha mão para então, com a voz tranquila e baixa, me antecipar situações do meu mais novo futuro. mas ele não me tocou, apenas se aproximou o quanto pôde e me olhou nos olhos.

ele era jovem, estava na casa dos quarenta e poucos, se vestia como todos os médicos parecem se vestir, com

uma descrição que os faz se mesclar à névoa bege e branca presente em todos os consultórios. aquele médico pálido e sem brilho, preocupado em me olhar nos olhos, me disse que eu sobreviveria, que haveria consequências, claro, e que era possível mitigá-las ao longo da minha vida. só uma delas era um caminho sem retorno: eu perderia o útero.

05.

nunca tive vontade de ser mãe. lembro de conversar na adolescência sobre maternidade com minhas amigas e de me sentir um tanto alienígena. não, não quero ser mãe, dizia rapidamente quando o assunto despontava. elas frequentemente tentavam me convencer do contrário. imagina uma criança com a sua cara, insistiam. imagina a fofura que vai ser, continuavam. e logo emendavam uma lista de nomes possíveis, escolhiam a idade perfeita para parir. falavam do futuro como se pudessem mediar todos os acontecimentos. eu sinto saudade dessa força ingênua com a qual sonhamos entre quinze e dezessete anos de idade.

mas eu não sonhava em ser mãe.

minhas amigas foram entendendo isso, e passaram a entender ainda mais depois que uma de nós teve um sonho comigo. no sonho, cantavam parabéns para mim, a mesa estava rodeada por crianças. eram todas suas filhas, minha amiga me disse. você tinha adotado todas ou várias delas, ouvi ela contando a todas nós no pátio da escola. eu, mãe adotiva de várias crianças?, perguntei para ter certeza. ela confirmou: sim, a mãe adotiva. lembro de achar estranho e, ao mesmo tempo, achar bonito. essa

amiga era a mulher mais materna do grupo, aquela que dava broncas e acolhia os nossos segredos mais escuros. foi ela quem tentou, ali numa rodinha de adolescentes sentadas no chão da escola, encontrar uma forma de me fazer mãe.

entre nós, nunca esquecemos esse sonho. vez ou outra, duas décadas depois, ele ainda retorna às nossas conversas. penso se, ao me escreverem desejando força e sorte e amor e fé e resiliência e coragem e tantas outras coisas comuns e também extraordinárias, elas pensam no sonho, informam a mim e a si próprias que eu nunca desejei a maternidade e que, se porventura eu decidir voltar atrás na minha decisão de adolescente, posso fazer daquele sonho a minha vida. sou a única, em um grupo de seis mulheres, que não tem filhos. e penso se elas, ao me escreverem, me dizem que, apesar de toda a fatalidade, ser mãe ou não ainda é matéria de decisão minha.

06.

Dia 10

ontem o jonas e o rafael vieram aqui em casa. fazia um ano desde a última visita deles. gosto quando vejo o jonas porque sempre há o que aprender, há sempre algo em que prestar atenção. ele me contou da escritora que estuda no pós-doutorado, a camila sosa, uma travesti argentina. segundo meu amigo, ela escreve com uma honestidade obscena, algo que faz de empréstimo da marguerite duras, sem cair no pastiche. fala de si sendo obscena consigo mesma, numa espécie de verdade possível porque tonalizada pela ficção.

07.

quando eu comecei a ser mãe?

08.

há dez anos, eu engravidei. vi subirem duas listras rosas no exame de farmácia, dentro do banheiro da casa da minha avó. um calor insuportável subiu pelo pescoço e fez arder minhas têmporas. era simples e aterrorizante: dentro de mim, uma intrusão.

09.

tenho a sensação de que é impossível falar do que vivi, a língua parece mole.

10.

Dia 37

tive um sonho muito simples: tirava meu relógio do pulso e o colocava na minha mesa de cabeceira.

11.

I

Lia viu as duas listras rosas subirem o pequeno tubo branco mergulhado em um pote com o seu xixi. Viu as cores surgirem aos poucos, como se indecisas, e esperou um tempo até as duas listras se firmarem, quase sólidas, em seus olhos. Muda, sentada na privada verde, ela sentiu um

pânico encher o banheiro, escorrer pela fresta da porta e contaminar a casa inteira. Era sonoro. Alberto o escutaria da sala?, se perguntou com as mãos no queixo, segurando o próprio rosto.

Então isso era ser mulher? Ter dentro do corpo outro corpo.

Levantou-se apressadamente e olhou-se no espelho. Viu manchas pretas nas bochechas e na língua. Abriu a boca e examinou-a. Tinha também todos os dentes manchados de preto. Estavam sujos e amolecidos. Tocou-os, impressionada. Eles haviam se transformado em carvão. Eram agora inflamáveis.

12.

Dia 45

os enjoos e os pesadelos se multiplicaram, passo a maior parte do meu tempo deitada no sofá, assistindo bem quieta a qualquer coisa boba que não exija de mim nada a não ser meu tempo. deixei de lado livros e filmes de que habitualmente gosto porque eles parecem intensos, excessivamente sérios e cheios de nuances. eles agora me cansam muito.

no mais, comecei a olhar para os objetos de casa e a empilhá-los. eles são meus amuletos.





13.

minha mais nova meta: distrair o sofrimento. preciso inventar algo.

14.

Dia 50

faz dois dias que tenho pesadelos. os médicos me dizem: nos enganamos, seu caso é grave. acordo no susto, tenho um pouco de dificuldade para dormir outra vez e, enquanto aguardo as garras da sonolência, penso se o sonho é vaticínio ou medo.

15.

vou à sessão de quimioterapia uma vez por semana e faço radioterapia de segunda a sexta. é cansativo. nos dias de quimioterapia, passo quase sete horas na clínica, divididas entre consulta com minha oncologista e medicação.

16.

fiz 25 sessões de radioterapia. 6 sessões de quimioterapia. 4 sessões de braquiterapia. entro ansiosa em consulta com minha oncologista, pronta para a próxima etapa, a última, que é a cirurgia. o tumor — essa mancha de mágoa e sangue — reduziu 50%.

só 50%.

não quero acreditar nisso. choro pela primeira vez a ponto de sentir dor, soluço, molho minha blusa vermelha. minha

médica deve estar habituada a isso, mostra compaixão, é verdade, e ao mesmo tempo se mantém sóbria. ela não me ilude, não há consolos apressados. ela não me diz o que quero ouvir: calma, tá tudo bem. é preciso continuar, isso ela diz.

só não me encolho no chão porque estou na rua, ou melhor, dentro de um consultório. e, pela primeira vez, sinto cair a ficha de que o corpo pode não responder ao tratamento. o corpo falha. o corpo também fracassa.

eu agora aceito que minha mãe venha ficar comigo porque meu tratamento vai continuar: mais seis sessões de quimioterapia.

17.

Dia 53

o que é a morte quando se avizinha? conversando com a vânia, simplesmente constato, pela enésima vez, que vivemos como se não fosse com a gente. a morte, só dos outros. mas não é assim, sabemos disso no silêncio. penso então que melhor do que ignorá-la é entender esse evento sem data da vida como uma lua cheia no mato: ilumina um pouco a vista, faz ver, mas não tanto, não a ponto de dispensarmos a imaginação. a morte como farol e destino, a lâmpada dos insetos na noite.

18.

disfarçar o medo com cor e crescer para o céu. aprendi isso com duas crianças diferentes. estou aqui esperando a chegada da minha mãe, faltam duas semanas para que ela venha.

19.

mainha chegou.



20.

segunda-feira, feriado.

para onde eu vou querer ir quando tudo isto acabar?

21.

minha mãe voltou a me dar de comer, a me levar para médicos e a cuidar da minha rotina. perversamente, rejuvenesci.





22.

parece que não acaba.

23.

II

Dez dias após o procedimento, o sangue, antes a conta-gotas, resolve descer. Lia acorda ensopada. Primeiro, tem a impressão de que ainda sonhava quando mexeu o corpo e sentiu as coxas empapadas. Virando-se de lado, ao colocar as mãos entre as pernas, acorda de vez, assustada. Quando levanta a cabeça, os lençóis vibram, viscosos. Assustada, ela limpa as mãos na fronha do travesseiro, tratando de não deixar vestígios de sangue entre os dedos enquanto as lágrimas crescem silenciosas, a contragosto. Ela não se sente pega de surpresa.

Então relaxa o corpo, entrega os ombros à cama e estira as pernas enquanto tenta fazer um roteiro mental de como agir para resolver a hemorragia. O mais estranho, sim, o mais estranho é que não sente dor, e imediatamente chega a ela a imagem do banheiro daquele consultório onde a bacia sanitária estava manchada com pontinhos de sangue e tufos de cabelo se enrolavam no chão.

Logo se dá conta da dificuldade para montar um plano, pensa se vale a pena ligar para alguém. Não organizou estratégias antes e percebe que, embora soubesse dos riscos e das probabilidades, se agarrara a uma esperança irracional. Pedir ajuda parece tão complexo que se afunda um pouco mais na cama, tomada por uma exaustão antecipada, até que sente outra leva de sangue descer lentamente as paredes da

vagina. Só então suspende a imobilidade e recolhe os joelhos, cria força para o impulso e se levanta. Não olha, no entanto, para as pernas nuas, e segue para o banheiro. Resolve limpar depois a sujeira do quarto.

24.

sonhei que comprava quatro cavalos. estava no centro da cidade, e os comprava sem entender por que razão. os guardava em casa, dentro da minha casa, como se precisasse dividir a sala com esses animais. eu, os cavalos, uma sala pequena e a pulsão audível do sangue batendo nas artérias. olhava os cavalos e os achava fortes, bonitos. os pelos emitiam luz. a musculatura das suas coxas me impressionava. eu precisava deles bem perto de mim. depois de olhá-los muito, ia para o quarto. saía da cena por tempo suficiente para eles fugirem. acordei e todos os cavalos tinham fugido.

25.

estou me acostumando a ter mainha por todo lado.

26.

quando eu comecei a ser mãe?

27.

ela cuida de tudo na minha rotina. meu companheiro faz pouco. meu aparelho digestivo tem reagido mal à medicação, e, depois de muito sofrimento, resolvi fazer

uma dieta radical. mal saio de casa e só posso comer o que é preparado na minha cozinha. é minha mãe quem me monitora, prepara todas as refeições, me faz companhia, arruma meus armários, pinta uns desenhos que deixo rascunhados, me leva para os médicos, vai comigo à quimioterapia. pela primeira vez na minha vida adulta, ela não reclama de nada, não se queixa de nada. pela primeira vez na minha vida adulta, eu sou apenas a filha de uma mãe resignada à manutenção da minha sobrevivência e do meu cotidiano. ela gentilmente sorri para mim, sem nenhum excesso, quando me percebe triste. ela tem feito pouco alarde para coisas grandes ou para a minha tristeza. e ela tem feito isso tão bem. aos poucos eu vou entendendo que minha mãe veio também proteger a minha fé.

28.



29.

nunca tive dúvidas, quando eu engravidei, de que não seria mãe.

30.

III

No meio das pernas, depois do banho, coloca uma toalha de rosto presa à calcinha. Talvez um absorvente não desse conta de tanto sangue e ela está decidida a não ver nada escorrer pelas pernas. Põe os lençóis de molho, esfrega o colchão, limpa o chão entre o quarto e o banheiro e logo procura na internet qual hospital público atende urgências ginecológicas.

Organiza uma mochila com produtos de higiene pessoal, uma pequena manta e duas mudas de roupas, se prepara como se fosse passar dias fora. Toma como decisão não falar com ninguém, e se surpreende: sente-se mais dura, mais preparada, como se fosse senhora da situação. Antes de partir, prepara um café forte, dois ovos mexidos e, depois de colocar a mesa, ignorando a dor latente e intermitente que começa a apontar no lado direito do ventre, se senta para tentar comer algo. Agradece por Alberto ainda não ter voltado da viagem a trabalho.

A sensação de controle sobre os modos e a louça do café, contudo, dura pouco. Prestes a sair de casa, é atravessada por uma angústia membranosa. Talvez me arranquem o útero, inteiro, musculoso e morto, ela pensa enquanto abre a porta da sala. É tomada por uma vertigem. Os olhos úmidos turvam a vista, dobram as sombras, Lia deixa as chaves caírem

no chão fazendo um barulho ecoar no corredor vazio, e justo por isso ela perde um pouco a paciência. Tomado pela raiva provocada por esse pequeno gesto falho, o coração desanda, fazendo-a quase sentir, em um momento de vislumbre macabro, um dos possíveis destinos daquela manhã. Quando cruza o espelho próximo à porta do elevador, ela vê seu rosto e se dá conta de que precisa correr antes de ser invadida por uma vontade de retroceder, abrir a porta outra vez e se deitar na cama, dando-se ao único trabalho de assistir ao percurso do que muitas pessoas chamam de castigo.

Desce apressada as escadas, desembarca na rua e entra em um táxi. Antes de sentar, coloca sobre o banco uma toalha vermelha, e o taxista não compreende o gesto. Não, você não precisa compreender o que acontece aqui, ela pensa com olhos mal-humorados na direção dele. O motorista passa todo o caminho inspecionando a moça, como se em alerta para a erupção de algum acidente. Os olhos dos dois se encontram no espelho do retrovisor algumas vezes. Ele está tomado por uma curiosidade, um desejo de saber o que ela tem, como se, a partir disso, pudesse voltar à rotina mais cheio de urgências.

IV

— Eu sangro muito — Lia diz pausadamente à mulher que faz a triagem dos pacientes, e não acrescenta nenhuma observação.

Ela faz mais três perguntas: desde quando, suspeita o motivo, sente dor. Lia não quer falar. Quando a mulher repete as perguntas e chama sua atenção com um senhora ao fim de cada frase, ela se sente na obrigação de responder. Por ela, seria só grosseira. Por ela, diria: eu sangro, vou

perder o útero e isso é tudo. Mas não são essas as palavras que usa. — Sim, desde a manhã eu sangro, acordei ensopada, tomei um banho e coloquei uma toalha no meio das pernas — diz, às pressas. Quando interrogada se conhece os possíveis motivos ou se tem um histórico autoexplicativo, hesita. Por fim, se agarra ao não, não, não, realmente não. Estou em pânico, é tudo o que acrescenta. E deixa a saleta com uma pulseira amarela, depois que a enfermeira examina seu corpo superficialmente e constata que ela tem febre também.

Alto risco é o que está escrito para o amarelo na escala de cores pendurada no corredor do hospital, bem em frente à porta do consultório que acabou de deixar. Estranha essa cor, ela pensa. A sala de espera está lotada, há crianças entre os adultos e algumas delas choram. No topo da parede, uma televisão gigante num volume relativamente alto. Quando se misturam as vozes, a televisão, as ambulâncias, a emergência parece um lugar do suplício. Lia se larga na primeira cadeira livre que encontra, ao lado de uma mulher gorda e esbaforida, e descansa o corpo até que sente a primeira pontada aguda no lado direito do ventre, numa região próxima da virilha. Ela respira fundo. Que seja breve, é tudo o que consegue pensar enquanto fecha os olhos em busca de concentrar-se em si mesma.

V

O primeiro médico ressurgiu, emerge da memória. Estavam os dois sozinhos no consultório e todos os materiais eram retirados de um armário qualquer na parede lateral da sala. No início do procedimento, quando ela desajeitadamente colocou as pernas abertas sobre dois

suportes, um de cada lado da maca, ele se levantou para ver quem tocara a campainha, sem dizer uma única palavra e sem tirar a luva que havia posto na mão direita. Esquadrinhando o lugar à volta, na ausência daquele homem velho, parecia impossível saber algo sobre os procedimentos de segurança. Não poderia sequer ter certeza de que aquele lugar era o consultório de um médico de verdade. Não era todo aquele procedimento clandestino? Por que então uma porta era aberta quando tudo já havia começado? Pouco depois, o médico estava de volta. Não lavou as mãos e sentou-se diante das pernas de Lia, colocando a segunda luva sobre a mão esquerda sem nenhum constrangimento. Prestes a levar uma injeção no colo do útero, ela entendeu que não poderia mais conter as dúvidas, aceitar um jogo sem regras. Que cuidados com o material você utiliza?

Isso provocou uma enorme irritação nele, que de certo modo pressentia a pergunta.

Sou um bom médico, falou seco. Vista sua roupa e vá embora daqui, acrescentou sem pressa, enquanto se levantava calmamente, apoiando os braços nos joelhos para se erguer do banco onde estava sentado e voltou para a poltrona em frente à mesa do consultório para vê-la se desesperar. Ele daria a ela uma lição ao fazê-la compreender que, nesse assunto, as perguntas são todas proibidas. Sua autoridade pesava sobre ela como uma pancada: na quinta semana de gravidez, não encontraria outro médico para fazer o procedimento em tempo hábil. Ele sabia. Lia olhou-o mais uma vez para dizer: tens certeza disso?, e ele não se comoveu. Ela foi ao banheiro para tirar a bata branca e transparente e vestir a

roupa, enquanto tentava engolir as lágrimas e recuperar o ritmo da respiração. No entanto, a aflição lhe dava machadadas surdas, as injeções de adrenalina inchavam as glândulas do pescoço, e ela não conseguia sequer salivar direito. O corpo paralisara.

Então seria mesmo mãe? Não poderia escolher? Sentiu, outra vez, o peso de um homem. De volta à sala, cruzou a mesa do médico, lá estava ele bem sentado como se dissesse bem feito, o maxilar duro como rocha. Nem sequer a olhou duas vezes, fingia se distrair girando uma caneta entre os dedos. Antes de virar a maçaneta, com ódio por não poder decidir pelo seu destino, ela vomitou o veneno daquela brincadeira estúpida.

— A partir de amanhã, se prepare: você não ganhará mais essa fortuna para ser assim tão escroto. Deste consultório, vou direto para a delegacia, e aí você apodrecerá na cadeia como bem merece. Quer brincar com as relações de poder? — ela disse cada palavra bem devagar e com a voz baixa, enquanto tirava o celular da bolsa para fazer um vídeo do consultório.

Ele então se adoçou. Surpreso, sem os modos para lidar com uma mulher escandalosa, o médico pediu para ela se sentar, para se acalmar, estava nervosa demais. Não sabia bem o que fazer ou dizer, seus gestos eram atrasados. Disse que mostraria os procedimentos de segurança, até se levantou da mesa com os braços erguidos, num gesto quase paterno. Calma, minha filha, acrescentou. Com os olhos virados para o homem pavoroso, Lia não sabia classificar a sensação mais aflitiva: o desprezo, a raiva ou o desespero. Sentou-se com a cabeça entre as duas mãos, inclinando o corpo para frente. Ela inchava.

O que faria a partir dali? A verdade é que estava presa àquele médico, sua única alternativa. Se Lia não quisesse ser mãe, teria que ceder ao sistema humilhante.

Por um segundo, pensou estar livre de tudo: Alberto, sua vida mediana e um filho não querido. Fez silêncio para se imaginar fechando a porta de casa, carregando consigo uma mala pesada na qual haveria apenas o estritamente necessário para nunca mais voltar. Como seria se enfim ela tivesse essa coragem? Pensou em deixar a criança com Alberto. Seria a vez dele de exercitar a paciência, aprender novos meios de dar força e sentido a um relacionamento. Talvez ele aprendesse mais, mesmo que anos depois, sobre as marcas que a ausência imprime nos corpos e nos humores. Talvez aprendesse sobre as coisas que não se ensinam em livros de economia. Então, antes mesmo de se deixar levar por esse desvario, percebeu que tentava ensinar a Alberto alguma lição outra vez. Desagradou-lhe perceber esse gesto repetitivo, por isso levantou-se rápido para compreender que aquele evento tinha a ver com ela própria.

— Então me mostre os procedimentos de segurança — disse de supetão.

Lia, porém, já não via nada, tampouco ouvia as palavras dele. Estava sendo assaltada pelos apelos do papo-destino: não é para ser, esse incidente te salvou da morte, salvou teu útero, teu filho, talvez teu casamento, a maternidade veio antes da tua vontade, mas aceite, aceite, aceite... Entre os objetos esterilizados, Lia apenas procurava alguma confiança em si, farejava um jeito de permanecer presa à sua decisão inicial. Ergueu a cabeça. Muito bem, disse.

VI

— Há sinais de que esse sangramento pode ser um aborto. Você suspeita estar grávida? Há chances de ser um aborto espontâneo ou provocado? — existia experiência e certo constrangimento no tom da pergunta.

Mas era diferente do que esperava. Os olhos da enfermeira residente, dentro de uma segunda sala, diziam a Lia que a pergunta não era um julgamento; ela queria dizer, quando abaixou os olhos para o papel à sua frente num fingido movimento de naturalidade, que a escolha era dela e que ser sincera apenas facilitaria os cuidados. Aquela enfermeira, jovem ainda, e muito provavelmente por essa razão, a encorajava a dizer a verdade. Se isso que sinto é um aborto, só pode ser espontâneo, disse firme. A partir daquela sala, possivelmente haveria outras enfermeiras, e elas sim, dadas ao milagre do nascimento, talvez não fossem tão condescendentes. Lia se sentia frágil, queria falar o menos que pudesse e agradeceria toda discrição que, por ora, tivesse a sorte de viver dentro daquele hospital público. Por isso, tentou parecer verdadeira nas palavras ditas, mas a experiência da mulher à sua frente era viva, penetrante.

Depois de submetida a um teste rápido de HIV, Lia é logo encaminhada para ser vista por três profissionais: um médico experiente, um residente e uma enfermeira auxiliar. O homem mais velho pede que troque de roupa e se deite na maca, abrindo as pernas e colocando-as nos dois suportes. Quando Lia voltou do banheiro, já devidamente vestida para o procedimento, o médico leu o prontuário em voz alta sem sequer olhá-la nos olhos: aborto espontâneo, forte hemorragia, não portadora de HIV. Como você se sente? Era a primeira vez que lhe faziam essa pergunta.

As dores têm piorado consideravelmente, Lia respondeu em voz baixa. De algum modo, revivia uma experiência. Como?, perguntou o médico com uma voz tão alta que a assustou. Sinto dores mais fortes, ela disse alto e devagar, já tomada de certa raiva por aquele homem. Natural. Você não sabia estar grávida?, ele perguntava enquanto terminava de ler a ficha a sua frente. Não. E essa insistência na mentira a envelhecia.

Levantando-se rapidamente, o médico chama o residente para o exame. Possivelmente o útero dela está dilatado, o sangramento, como você sabe, é normal, apenas significa que o organismo está tentando expulsar os tecidos da gravidez que não evoluiu. Lia sente-se como um objeto de estudo. Como, além de doloroso, é perigoso deixar o corpo se virar nesses casos, a gente precisa intervir, o médico disse enquanto calçava as luvas, dando início ao exame. Licença, viu? E logo enfiou três dedos na vagina dela. Um silêncio desceu sobre Lia, em breve saberia sobre os danos, se provisórios ou não. Estranho, o homem velho disse no momento em que tateava as paredes da vagina com a cabeça ligeiramente inclinada para o chão. A primeira palavra já foi um afogamento.

Seu útero é torto. Você quer senti-lo?, perguntou ao residente, sem acrescentar uma única palavra de tranquilidade para Lia. O jovem médico se animou. Curtas lágrimas desceram pelo rosto da paciente, e ninguém notou. Ao menos no outro consultório, onde tudo começara, havia um quadro de Nossa Senhora da Conceição para o qual Lia podia destinar o choro guardado. Quando pensou que abortava um filho do próprio marido sem sequer contar a ele sobre a gravidez, se sentiu inscrita definitivamente no centro nevrálgico do universo da contradição. E, ao

fazer isso, lutava contra uma tradição cristã que insistia em atormentá-la.

Quando deu por si, o médico residente já tirava os dedos da sua vagina. Não prestou bem atenção às últimas coisas ditas por eles. Na sala, em silêncio como ela, permanecia a enfermeira, que estivera sem nenhuma função dentro do consultório durante todo o exame. O aborto não foi completo, o que significa que ainda há restos de tecidos de gravidez que precisarão ser removidos cirurgicamente. E só então Lia voltou a se concentrar naquelas duas figuras vestidas com um uniforme verde. O aborto foi mesmo espontâneo? Outra vez aquela pergunta. Lia apenas mexeu a cabeça em um sinal afirmativo. O médico mais experiente explicou o que aconteceria em seguida: ela precisaria se internar no hospital, passar por um procedimento de curetagem, que rasparia as paredes do útero para remover vestígios de qualquer corpo estranho; em seguida, ficaria de resguardo como se tivesse tido um bebê. Não disse nada mais.

31.

uma das minhas obsessões fotográficas desde o início do tratamento: minha mãe e flores.





32.

se o céu não fica tão escuro é o nome da série das pinturas que estou fazendo agora. eu continuo pintando nas horas em que não me sinto tão enjoada.

33.

empilhei outra coisa.



34.

VII

Lia é dirigida para outro andar do hospital, leva nas mãos um papel que precisa entregar a outras enfermeiras, que a conduzirão para a operação de curetagem. O sangramento pareceu diminuir desde que chegou ao hospital. Não é mais a preocupação com a toalha vermelha que a incomoda. Só consegue pensar no útero. Seu útero será visto e tocado por médicos. Restará inteiro? À medida que o elevador sobe, sente seu pulso se acelerar. Cogita ainda ligar para alguém, avisar que está dentro de um hospital e que, em breve, passará por um procedimento cirúrgico. Um rol com nomes variados aparece, mas simplesmente não consegue se movimentar. Está sem condições de falar.

35.

entro no consultório da minha médica com o exame em mãos, exame que eu sozinha não quis abrir para ver. eu espero o resultado vir da boca dela e, dessa vez, eu sei que não há mais nada dentro de mim, chego firme à porta dela, embora imensamente cansada. ela abre ansiosa o envelope, faz uma leitura em silêncio, está séria. logo, no entanto, se anima, aumenta o tom da voz, levanta os braços, enquanto me diz que os exames estão ótimos.

— estão ótimos, Dolores! acabou a quimioterapia.

posso comemorar porque, depois de seis meses de tratamento, o tumor sumiu. não há mais nada dele que seja possível detectar por exame de imagem ou um papanicolau

simples. a massa de sangue e células malignas desapareceu. nada mais cresce desordenadamente.

pela primeira vez, eu choro de alívio e sei, enquanto algumas lágrimas escorrem pelo rosto, mornas — tão quentes e mornas ali, dentro do consultório gelado, que eram quase um carinho —, eu sei que meu choro vai ser curto. ainda não acabou. ainda não acabou mesmo.

36.

encontro um texto escrito um pouco antes do meu diagnóstico, em julho de 2022.

No caminho para cá, 13 km de estrada de terra, senti todas as minhas “entranhas” pélvicas — não funciono tão bem, tenho certeza. A questão talvez seja por quanto tempo consigo equilibrar esse jogo entre saúde e doença. Venho já há tanto tempo assim, me habituei a esse “eu meio-doente”. Queria saber qual esquina eu poderia dobrar para recuperar a minha saúde, desconfio que o caminho do perdão seria libertador, desconfio que meu corpo somatiza várias mágoas. E o que fazer com esse mecanismo do corpo? Esse mecanismo me permitiu fazer algo, segurou muito tranco para que eu pudesse seguir. Ou meu corpo virou só depósito de mágoa e encontrou o modo dele de processar tudo?

37.

o que não dá para contar é a razão da minha mágoa com minha mãe.

VIII

Vai entrar, o líquido vai entrar pelas veias finas do seu braço direito, e logo mais haverá só os olhos revirados, as pálpebras caídas e o sono profundo da inconsciência. A ideia já é uma vertigem, por isso, antes mesmo de o efeito aparecer e se instalar entre os sentidos, ela começa a tremer na mesa de operações, incontrolavelmente todos os seus membros se contorcem ainda discretamente. Um frio descabido, a princípio fruto do forte ar-condicionado, a invade, mas ela sabe que suas sensações não se resumem às evidências óbvias. O nervosismo é também mestre do corpo. E, para aumentar seu desespero, engolido em silêncio, seus movimentos são involuntários. Faz então força para conter os músculos, outra vez, a força tensionada pelo princípio de que precisa ficar quieta, não fazer escândalos. A força da discrição. Mas falha. Isso é só o começo da total falta de controle.

Em pouquíssimo tempo, tem a sensação de ter sido transportada para uma geleira, ouve os maxilares se chocarem assim como o tilintar metálico dos materiais sendo preparados para a cirurgia pelas enfermeiras e auxiliares. Quando dá por si, todos os músculos da parte inferior do rosto estão tensionados, e a boca parece deformada pelo esforço de resistir à baixa temperatura. Para ela, a anestesia age em um movimento assombrosamente rápido. Será essa a velocidade normal do medicamento? Pensa que se esqueceu de avisar que tem a pressão baixa. E, justo nesse instante, seu pulso é medido por uma enfermeira cujas expressões faciais não estão alteradas, e de certo modo o

rosto inexpressivo daquela mulher arrefece os impulsos da angústia. A tranquilidade, no entanto, dura pouco. Logo as enfermeiras metem-lhe tubos pelo nariz. Sente-se pega de surpresa, não consegue sequer reagir. Restam os olhos para suplicar por uma compreensão dos eventos. Quando a médica que iniciou o procedimento cruza sua vista para tomar-lhe o pulso outra vez e fazer os cálculos para avaliar o percurso da anestesia, junta forças para perguntar: o que há? Pouco antes de apagar, vê os lábios murchos em um rosto desfigurado se moverem em palavras inaudíveis. O breu chega antes das explicações.

IX

Quando acorda, Lia está deitada em uma cama próxima a uma ampla janela. Chora um pouco em um quarto que divide com outras mulheres, algumas delas grávidas, já em trabalho de parto. Mas Lia ainda está sonolenta e pouco tempo leva para cair no sono outra vez, até que uma das mulheres, com a dor das contrações, começa a gritar mais alto. É um susto acordar com a gritaria de alguém que vai colocar uma criança no mundo. É um susto toda a naturalidade das enfermeiras, que nem sequer começam a apressar o passo. Aquela gritaria é uma tortura, por isso Lia agradece por pelo menos haver uma cortina cinza e pesada que a rodeia, deixando-a de fora da cena, apenas uma ouvinte da enervante dor alheia. A mulher parece já à beira da falência. É quando Lia escuta uma enfermeira dizer que ainda faltam dois centímetros de dilatação. Quanto tempo isso durará?, se pergunta, ainda imóvel, com os olhos sombreados. Da sua cama, de repente, ela começa a escutar sussurros curtos que procuram acalmar a grávida, acenando o alívio e

a benção que viverão em breve. É essa mulher, essa outra mulher, que ensaia palavras de alento com um tom de voz firme, ainda que baixo, que faz escorrer sobre o subúrbio daquela situação uma onda líquida de calma a acompanhar a ondulação mareante dos gritos da grávida. E, embora não esteja sendo dito a ela que a dor passará, Lia se esforça para escutar aquela voz desconhecida que vaticina o alívio. Toma para si aquela outra mulher e, quieta, embora ainda mergulhada na gritaria, vai evocando um sono, talvez o derradeiro efeito da anestesia, que a fará acordar em outro mundo, se não novo, ao menos só dela.

39.

passam-se dias e noites.

40.

X

Lia aprendeu onde fica seu útero. Com a mão esquerda pesando sobre o lado direito, entre o umbigo e o início do ventre, ela se lembra do médico e de sua explicação quase cartográfica sobre a excepcionalidade do órgão: muito para dentro, retrovertido, puxado para o lado direito. Difícil de tocar com os dedos e torto. Achou seu útero muito apropriado. Em casa, depois de algumas horas da alta, ela começava a sentir dor mais uma vez, apertava o lado direito com amor, como se fosse possível convencer o corpo a não se entregar às infecções, enquanto, em silêncio, tentava não se render às orações decoradas na infância, que já se somavam na boca revelando um atraente conforto

místico. Sem misticismos para me desenterrar dessa lama, Lia pensava enquanto tentava manter o ritmo compassado da respiração e lutava para manter alguma coerência. O desespero parece ter imenso domínio sobre o corpo. Lucidez mesmo, se havia alguma, só existia no útero: ele incorporava a violência e, numa espécie avessa de defesa, machucava para lembrar o corpo de salvá-lo.

41.

eu perdi meu útero e era a minha mãe quem estava lá comigo.

42.

é preciso que baleias enormes, quase redondas, visitem os meus sonhos, é preciso que essas baleias me assustem e me perguntem, ao me verem tão constrangida com o meu tamanho, como é que eu suporto a gravidade da terra.

**flavia
carvalho**

porque
a vida
não
basta

aponta-
mentos
sobre
morrer
e nascer
de novo

Estou cansada do silêncio das mulheres. Quero escutá-las falando todas as línguas, oferecendo sua experiência como sua verdade, como verdade humana, falando sobre trabalho, sobre fazer, sobre desfazer, sobre comer, sobre alimentar, sobre receber sementes e dar vida, sobre matar, sobre sentir, sobre pensar, sobre a guerra e sobre a paz.

Ursula K. Le Guin

I

Era o início de 2010. Uma colega do doutorado pesquisava as mulheres e o mercado de trabalho e fui uma das entrevistadas. Entre as perguntas, havia: “O que você deseja para o seu futuro?” Respondi risonha, em tom de brincadeira: “Filhinhos”.

Não teria me lembrado disso se minha colega não tivesse trazido à tona, anos depois, os resultados do estudo, ressaltando que eu havia sido a única mulher a responder qualquer coisa relacionada à maternidade.

Que eu seria mãe era, para mim, uma verdade inconteste. Venho de um contexto em que algumas coisas não

.....

Apontamentos sobre morrer e nascer de novo

1. Quando eu era pequena — talvez quase adolescente — costumava olhar para o céu à noite e conversar com uma estrela, certa de que ela era a alma de um filho que eu ainda teria, num futuro distante.

são questionáveis. Mas eu não tinha sequer uma remota suspeita do que esse desejo, ou essa certeza, traria consigo.

Recentemente me fizeram uma pergunta parecida: “O que você espera para a sua vida daqui a cinco anos?” Dei a única resposta que me parecia honesta: “Espero estar feliz”. De novo, a simplicidade do meu desejo. Havia acabado de me separar, estava mudando de apartamento, começava a compartilhar a guarda da minha filha com o homem com quem não fui feliz para sempre, mas que era um ótimo pai. Naquele momento — isso foi pouco antes da pandemia — sabia que os “filhinhos” que tinha imaginado anos antes não seriam parte da minha vida e havia me reconciliado com essa ausência. Já não sentia culpa por não dar irmãos à minha filha ou por admitir que uma única filha era o que eu daria conta de ter nesta vida — ou o que a vida daria conta de me dar.

II

O começo da maternidade foi um período solitário. Estava havia pouco tempo em uma nova cidade, em outro estado, a maior parte das minhas novas relações sociais estavam ligadas ao trabalho, justamente a parte da minha vida que estava pausada. Umhas poucas amigas

.....

2. Meu irmão mais novo foi o meu presente de aniversário de oito anos. Por causa disso, sempre me senti um pouco dona dele, como se eu fosse sua mãe, e a maternidade fosse um certificado de propriedade.

tinham filhos em fases diferentes, e os novos colegas de trabalho eram ou muito mais novos ou muito mais velhos do que eu. Eu não fazia parte de nenhum grupo de mães e minhas descobertas e assombros eram silenciosos, misteriosos e um pouco envergonhados. No meu diário, as palavras mais frequentes eram choro, medo, cansaço, angústia. Não conseguia fazer nada direito, principalmente não conseguia ler, e passariam meses, anos, até que eu conseguisse voltar às minhas atividades rotineiras. Não havia ninguém com quem compartilhar essas experiências, alguém que me mostrasse algum caminho e acendesse uma luz sobre o puerpério. Nunca me esqueço do primeiro livro que terminei, depois de seis meses de esforço: um calhamaço sobre um garoto cuja mãe explodia em um atentado terrorista em um museu de Nova York. Os livros me faziam falta, e me faziam mais falta ainda as mulheres, especialmente as mães. Elas ainda chegariam.

.....

3. Por que é que nos ensinaram a brincar de boneca, e não aos meninos?
4. A gente cresce achando que maternidade é sina, e não escolha.
5. E então um dia eu fiquei grávida. Sem querer, querendo.

III

Desde 2017 faço parte de um grupo de leitura composto de mulheres. Cada uma de nós escolhe um livro e fazemos uma ciranda: todo mês recebemos um livro e passamos adiante o que estava conosco. Foi com esse grupo de mulheres que troquei ideias e aprendi sobre maternidade e feminismo, sobre nosso lugar no mundo, nossos direitos e frustrações (que afinal não eram só minhas), sobre o que era aceitável e sobre o que era inegociável em nossos relacionamentos amorosos e sociais. Cresci, e sinto que meu puerpério teria sido diferente se essas mulheres estivessem por perto: eu me sentiria menos estranha, menos perdida, menos sozinha.

Conforme avançávamos nas leituras, sentimos a necessidade de ler mais mulheres, e priorizamos livros de escritoras. Mas no ano passado, enquanto pensávamos sobre o tema para a rodada, algumas pediram, quase suplicaram: por que não tentar ler livros mais leves? A reclamação tinha fundamento: os livros que haviam passado por nós estavam carregados de tragédias, tristezas, abusos, perdas, e muitas de nós estávamos sofrendo

.....

6. Ninguém me avisou que estar grávida é uma merda. Azia, intestino preso, uma fome e um sono infinitos. A coluna dói, as pernas eventualmente incham, você se transforma num poço de sentimentalismo barato. Com o sexo pode acontecer de tudo: algumas começam a subir pelas paredes de desejo; eu tinha medo de que o pau dele fosse furar a minha placenta.

desses mesmos males. Nada mais justo, portanto, do que buscar na literatura um alento para a vida. Nada mais difícil do que encontrar um livro assim. Pensei que líamos tantas histórias tristes porque a vida é dura, especialmente conosco, mulheres.

É sobre dores, medos e desejos que reflito aqui, sobre como essas questões, trazidas pelos livros que li, me tocaram e me fizeram pensar a minha vida e as vidas de outras mulheres. O desejo paradoxal de fugir da maternidade, apesar de todo o amor aos filhos; as aflições de ser mãe; a exaustão de ainda querer ser tanto mais do que isso. O destino que une, separa, machuca e cicatriza. O medo do esfacelamento da família e de que depois disso não sobre nada com o que construir uma vida significativa. O desespero diante da possibilidade de que um filho — justo ele, o motivo das aflições perenes de uma mãe — não esteja mais do nosso lado.

IV

Me lembro da primeira vez em que mergulhei numa história escrita por Elena Ferrante. Um mergulho de cabeça, porque não é possível ler Ferrante com medo de água fria. É uma espécie de batismo, de renascimento,

.....

7. Algumas mulheres não merecem ser mães.
8. Algumas mulheres não merecem o fardo de serem mães.
9. O que é o merecimento? Quem o define?

um despertar. O mistério sobre quem seria aquela escritora fascinante e o desejo de ler toda a tetralogia napolitana me deixava ansiosa pelo próximo volume. E o momento mais excitante, aguardado durante três volumes inteiros, é quando Lenu, narradora e protagonista de *A Amiga Genial*, vai viver o romance com Nino, por quem é apaixonada desde menina, e abandona as filhas pequenas e o marido sem olhar para trás. De acordo com a visão de mundo que existia ao meu redor e que durante anos aceitei submissa, a maternidade é um grande sol, e a vida da mãe é um satélite que orbita em volta do astro-rei, o filho. Nessa visão, a atitude de Lenu é completamente disparatada, irresponsável, passível de todas as críticas e julgamentos, um crime. Ainda que eu mesma fizesse os piores julgamentos à personagem, foi com a curiosidade de um *voyeur* que acompanhei os

.....

10. Quarenta e sete segundos: foi o tempo que a minha bebê levou para chorar depois que consegui expeli-la. Foram longos segundos de angústia em que meu parceiro desligou a câmera, apertou a minha mão e me disse: está tudo bem. Eu sabia que havia algo errado. Em quarenta e sete segundos tudo que eu havia sonhado na vida correu meu pensamento, e me dei conta que a vida já não era mais possível sem aquela coisinha que tinha acabado de sair de dentro de mim. E então ela chorou. Chorei junto. Nascemos.

11. Eu não sabia, mas aquele era o primeiro de muitos choros que a gente haveria de chorar.

passos daquela mulher, invejando a maneira como ela escolheu abraçar a liberdade e o amor.

Hoje, um pouco mais experiente, entendo que o desejo de fugir e deixar para trás as responsabilidades ligadas à maternidade é mais comum do que se imagina, e deixei de acreditar que é preciso esconder que todas nós, mães, já sentimos vontade de abandonar tudo.

As pessoas costumam dizer que reconhecemos com facilidade o nosso igual, e talvez por isso eu venha colecionando mães memoráveis na literatura, estudando atentamente essas mulheres que, mesmo diferentes na forma de viver a maternidade, me colocam diante dos dilemas, dores, desafios, dramas que surgem a partir do momento em que os filhos chegam em nossas vidas. O que mais gosto nesse encontro é que cada uma dessas personagens me mostra outras formas de ser mulher e mãe, e assim aceito melhor os meus limites e erros e valorizo mais os meus sucessos maternos.

V

Um filho é, de fato, um turbilhão de aflições.

Elena Ferrante

Deborah Levy dedica toda a primeira parte de *Coisas que não quero saber: uma resposta ao ensaio "Por que escrevo"*,

.....

12. Toda mãe é uma mulher exausta.

13. O puerpério pode ser solitário demais para uma mulher.

de George Orwell, à apresentação do que ela entende ser o seu “objetivo político”. Levy discute o lugar da mulher e da maternidade na sociedade e diz da sua desconfiança de que a maternidade seja “uma instituição fundada pela consciência masculina”. Essa ideia, baseada em Adrienne Rich, aponta para a exigência de que mulheres abdicuem dos próprios desejos para satisfazer os desejos masculinos e, por fim, os desejos de todo o mundo. É resultado disso que as mulheres (que a sociedade facilmente reduz a um sinônimo de “mães”) se sintam sempre culpadas, mesmo que não saibam ao certo o que estão fazendo de errado.

A culpa materna nos acompanha por toda parte, e é abundante também nos livros. Podemos começar com a reação de Lenu às críticas de sua amiga Lila pelo abandono de suas filhas:

Na verdade, mais que a ofensa, machucou a menção a Dede e Elsa. Pense no mal que você está fazendo às suas filhas, me advertiu, e na hora não dei importância a isso. [...] Elas haviam nascido de mim, eu as criara, eram parte de mim, sua amiga desde sempre: deveria ter dado espaço — não digo por afeto, mas ao menos por gentileza — ao meu orgulho de mãe. [...] Somente agora — seguramente por ciúmes, porque eu me juntara a Nino — se recordara das meninas e tinha desejado sublinhar que eu era uma péssima mãe, que, buscando ser feliz a todo custo, estava causando a infelicidade delas. Assim que eu pensava nisso, ficava nervosa. Lila por acaso se preocupou

.....

14. Alguém me disse algum dia: quando você for mãe, vai entender a sua mãe. Mentira.

com Gennaro quando abandonou Stefano, quando deixou o menino com a vizinha por causa do trabalho na fábrica, quando o mandou para mim quase para se livrar dele? Ah, eu tinha lá minhas culpas, mas sem dúvida era mais mãe do que ela.

Pouco depois, no mesmo livro e ainda falando de sua fuga com Nino, Lenu diz, sobre um casal que encontram numa conferência:

Logo descobri que estavam numa situação não muito diferente da nossa. Ambos consideravam sufocante a instituição da família, ambos haviam deixado para trás dolorosamente cônjuge e filhos, ambos pareciam felizes.

A liberdade, a leveza de fugir de responsabilidades sufocantes — quem não merece experimentá-las? O abandono paterno é tão comum que não nos causa espanto ou constrangimento. Por que, então, somos tão implacáveis em nosso julgamento sobre outras mulheres?

Leda, a narradora de *A filha perdida*, cujas filhas cresceram e agora moram em outro país, nos conta ter descoberto,

[...] com um deslumbre constrangedor, que eu não sentia tristeza alguma — pelo contrário, estava leve, como se só então as tivesse definitivamente posto no mundo. Pela primeira vez

.....
15. Será mesmo que uma mulher pensa em tudo de que irá abrir mão para ser mãe? Eu não pensei.

16. Ainda bem.

em quase vinte e cinco anos, não senti mais aquela ansiedade por ter que tomar conta delas.

Ouvi muitas mulheres dizendo que ser mãe é ter um coração pulsando fora do peito. É uma frase bonita e não é mentira, mas também é verdade, embora poucas admitam, que às vezes tudo que mais desejamos é termos que tomar conta de um único coração. Ser inconsequentes, estar a sós, que nossas vontades não tenham repercussões na vida de ninguém mais além de nós mesmas. Ah, como isso é difícil.

Ao longo da história, ficamos sabendo que Leda passou três anos longe das filhas, separada do marido. Mais revelador do que o acontecimento em si é entender por que ela decide ir embora, o que ela relata a uma desconhecida na praia.

— Eu fui embora. Abandonei-as quando a maior tinha seis anos, e a menor, quatro.

— E quem as criou?

— O pai.

— E você não as viu mais?

— Peguei-as de volta três anos mais tarde.

— Que coisa horrível, por quê?

.....
17. O pai tem cinco dias de licença-paternidade. Provavelmente ele irá trabalhar no quarto dia, alegando um compromisso urgentíssimo.

18. Você vai ficar no apartamento ouvindo o som do carro se distanciar e sentindo o seu estômago arder. Angústia, solidão, medo.

Balancei a cabeça, não sabia por quê.

— Eu estava muito cansada — disse eu.

Depois me virei para Nina, que me olhava como se nunca tivesse me visto antes:

— Às vezes, precisamos fugir para não morrer.

VI

“Que coisa horrível”, é o que Leda escuta de alguém que desconhece o desenrolar da sua história. As meninas cresceram saudáveis, se tornaram mulheres bem-sucedidas e têm suas próprias vidas. Ainda assim, o julgamento recai sobre as mulheres que buscam alguma liberdade.

A frustração e a tristeza de ver a vida desviar do rumo sonhado, o sentimento de perder-se diante de um destino não escolhido são sentimentos comuns, mas na maioria dos casos a maternidade os inflige com mais força sobre as mulheres do que a paternidade sobre os homens. Como diz Marguerite Duras,

Ser mãe não é o mesmo que ser pai. A maternidade pressupõe que a mulher entregue o corpo ao filho, aos seus filhos; dentro dela eles estão como se estivessem numa montanha, num jardim: eles a chutam, dormem nela, e ela se deixa consumir, e às vezes dorme porque eles estão no seu corpo. Nada parecido acontece aos pais.

.....
19. Você se pergunta: a vida algum dia vai ser normal de novo?

Os motivos do “sabático materno” vão se revelando aos poucos nas páginas seguintes:

O que eu tinha feito de tão terrível, afinal? Anos antes, havia sido uma garota que se sentia perdida, isso era verdade. Todas as esperanças da juventude já me pareciam destruídas, era como se eu estivesse caindo para trás na direção da minha mãe, da minha avó, da cadeia de mulheres mudas ou zangadas da qual eu derivava. Oportunidades perdidas.

O que significa para Leda cair na direção das mulheres mudas e zangadas que vieram antes dela? Penso que seja justamente disso que fala Levy, que aponta para a responsabilidade de priorizar “a felicidade de homens e crianças”, que gera mulheres negligenciadas e exaustas. A mesma percepção é reforçada por Rachel Cusk em seu livro *A life's work: on becoming a mother*:

Eu não entendia o tamanho do desafio que a experiência da gravidez e do parto era para a igualdade de sexo.

Porque, de fato, nada parecido acontece aos pais. Outra pessoa existiu dentro de nós, e depois do nascimento ela

.....

20. Você tem medo de nunca mais conseguir terminar um livro.

21. E então lhe presenteiam com um kindle.

22. Em seis meses, você terminou um livro!

23. E, no entanto, há dezenas de outras coisas que você ainda não consegue fazer direito.

existe dentro da jurisdição de nossa consciência. Cusk nos lembra que uma mãe “quando está com os filhos não é ela mesma, quando está sem os filhos não é ela mesma; e assim torna-se difícil tanto deixar as crianças quanto estar com elas”. É um consolo perceber que esse paradoxo não existe somente em mim, e a constatação de que nossas vidas estão irremediavelmente atoladas nesse incontornável conflito torna o desafio um pouco menos asoberbante.

O livro de Cusk é uma conversa ao pé do ouvido — duas mulheres, xícaras de chá, um desabafo, uma confissão. A autora escreve no auge de sua exaustão, quando a segunda filha está com seis meses e a primeira, quase dois anos. Os sentimentos ali revelados sem pudores, o cansaço, o medo de que a vida não pudesse se recolocar no seu caminho normal, a solidão, a falta de pertencimento, a vontade de desaparecer momentaneamente eram sentimentos honestos e nos quais eu me enxerguei também.

E, no entanto, Cusk recebeu críticas duríssimas depois da escrita desse livro, a ponto de ter ficado “sem uma voz para a escrita”. No artigo “I was only being honest”, publicado em março de 2008 no jornal britânico *The Guardian*, Cusk escreve:

.....

24. No primeiro mês de vida da sua bebê, há oito jogos do Galo no campeonato brasileiro. Seu marido sempre foi torcedor fanático, mas agora a coisa parece beirar a insanidade.

25. Você não tem licença-maternidade. Vinte dias depois de parir, participa de uma reunião via Skype com a bebê engatada aos peitos.

“Se todos lessem este livro”, dizia, “a propagação da raça humana praticamente cessaria, o que seria uma pena.” Quem fazia a crítica era uma mulher. Eu a conhecera em algum festival literário anos atrás. Ela parecia inofensiva o suficiente: eu não teria suspeitado que ela pudesse ter um alcance tão drástico, uma pretensão de classe média tão aniquiladora (“o que seria uma pena”). Ela continuou a me acusar de “confinar [minha filha] à cozinha como um animal”. Talvez estranhamente, o segundo comentário me perturbou mais do que a possibilidade de que a humanidade fosse extinta por obra minha. Como essa pessoa presumia saber o que eu fazia com minha filha, e onde? Onde ela havia obtido essa informação bizarra? Alguém lhe disse que eu tratava minha filha como um animal? Levou muito tempo para eu perceber que sua acusação vinha do próprio livro, de uma falsificação do seu material pessoal. Vi que ela o havia pesquisado, em busca de “provas” do meu comportamento como mãe, e por isso ela podia se permitir me deturpar, pois não estava julgando o livro como um livro. Ela o estava julgando como uma situação social.

Também Ferrante foi julgada. Editores suecos desistiram da publicação de *Dias de Abandono* por considerar o comportamento da protagonista Olga em relação aos filhos

.....

26. A sua bebê tem seis meses e você ainda não conseguiu ir à academia sem sentir culpa ou cansaço.

27. Como pode uma coisa ser tão boa e tão ruim ao mesmo tempo?

28. Será que você acharia ruim se pudesse dormir só um pouquinho?

moralmente reprovável. Em *Frantumaglia*, Elena Ferrante responde fazendo referência a uma frase dita por Emma Bovary: “É estranho como essa criança é feia!”

Tento, ao longo dos anos, tirar aquela frase do francês e colocá-la em algum lugar de uma página minha, escrevê-la eu mesma para sentir seu peso, transportá-la para o idioma da minha mãe, atribuí-la a ela, ouvi-la saindo da sua boca e entender se é uma frase feminina, se uma mulher pode de fato pronunciá-la, se eu alguma vez pensei nela em relação a minhas filhas, se, enfim, deve ser repudiada e apagada ou acolhida e retrabalhada, retirada da página em francês masculino e transportada para a língua da mulher-filha-mãe.

A expectativa da perfeição (que recai sobre a mulher e é ainda mais forte sobre as mães) limita uma expressão legítima de si no campo da ficção. Até nele uma mulher é julgada, não pode dar vazão ao desespero, ser falível, suscetível, perder temporariamente a razão. A censura a Ferrante e as críticas a Cusk mostram que não existe, mesmo entre mulheres, mesmo entre mães, o entendimento (e a aceitação) de que a maternidade é uma força avassaladora, com tudo de bom e de ruim que isso implica. Estaríamos melhor se compreendêssemos as diferentes intensidades com que essa força nos

.....
29. As mãozinhas dela segurando o seu dedão enquanto ela balança as perninhas no *sling* parecem guiar você pelo caminho.

30. É isto: se ela não estivesse lhe segurando a mão, você não encontraria o seu rumo.

impacta, dependendo de nossos contextos sociais e psicológicos. Negá-la só beneficia outra força: o patriarcado.

VII

Me custou entender o quanto ser mulher é diferente de ser homem. Antes de ser mãe, nunca tinha pensado verdadeiramente sobre o lugar da mulher na sociedade e estava relativamente confortável no papel que haviam me atribuído. Durante quase toda a minha juventude, o assédio era muitas vezes entendido como elogio, e demorou uma vida inteira para eu entender que eu também era uma vítima dele. Também levou tempo para que eu entendesse que o que era esperado de mim como mulher e mãe tinha sido determinado por uma sociedade machista e patriarcal que pressupõe que a mulher deve se devotar à maternidade e ao cuidado familiar, e que se tudo sair dos trilhos a culpa será dela, e de ninguém mais.

Fico imaginando as “oportunidades perdidas” a que Leda se refere. O desejo de se destacar na profissão, de ser uma renomada acadêmica? Ou talvez a possibilidade de cultivar

.....

31. E esse medo imensurável de que qualquer coisa ruim aconteça com ela e de que talvez você não seja capaz de evitar, ou de salvá-la?

32. O maior medo da sua vida: ter que voltar a viver em um mundo de que ela não faça parte.

33. Ainda assim, de vez em quando você deseja sumir para longe.

suas amigas tomando cafés e almoçando com as amigas? O marido de Leda a esta altura talvez protestasse, dizendo que ela nunca foi impedida de almoçar com as amigas, mas é preciso que alguém esteja cuidando da “felicidade de homens e crianças”, o que significa comprar a comida, ou ao menos fazer a lista do que falta, certificar-se de que a casa está limpa, levar à escola, buscar na escola, dar banho, saber como foi o dia, jantar, brincar, dar atenção a toda a família. Há que dar conta de tudo isso e ainda manter uma vida social e afetiva ativa e satisfatória sem negligenciar nenhuma parte.

Também eu fugi, a meu modo. Por exatos onze dias, quando minha filha tinha dois anos e quatro meses. Eu precisava defender a tese que havia ficado de lado depois que engravidei. Fiz meu doutorado no sul da Holanda, na cidade de Maastricht, que eu havia abandonado um ano antes do que deveria porque a urgência em me tornar mãe silenciava as outras demandas, deixando todo o resto da vida menos importante. Agora, eu voltava a Maastricht outra pessoa: eu era mãe de uma menina de quem estava me separando pela primeira vez para me tornar doutora.

Quando o táxi que me levaria ao aeroporto chegou na porta da minha casa, eu havia acabado de colocá-la na cama — e ela não sabia exatamente o que os próximos dez dias lhe reservavam. No dia anterior, passeamos pelo shopping e tiramos fotos com as decorações natalinas, compramos presentes e ganhamos uma almofada do Pinóquio.

.....

34. Os filhos pequenos choram.
35. Os filhos pequenos fazem birra.
36. Os filhos pequenos precisam de você o tempo todo.

Eu pensava na nossa tarde juntas, na minha menininha embalada pelo sono, e chorava convulsivamente ao mesmo tempo que, por algum estranho motivo, achava que devia explicar ao motorista que eu chorava porque era a primeira vez que ficaria longe da minha filha.

Assim que cheguei ao aeroporto, a tristeza deu lugar ao terror que sinto ao voar de avião, e todas as minhas energias se direcionaram a qualquer coisa que me desviasse do pensamento sobre uma tragédia aérea. Li enquanto aguardava a decolagem e dormi, embalada pelos calmantes que tornam os meus voos possíveis.

Ao chegar a Maastricht, eu quase não me lembrava de que era mãe. Fui tomada por um sentimento duplo de saudade de tudo que tinha sido, mas também daquilo que não tinha tido tempo de ser, porque afinal três anos passam muito rápido. Eu sentia saudades do frio, do silêncio, das ruas vazias, dos prédios antigos, do rio que divide a cidade, da biblioteca imensa, dos aquecedores que secavam as toalhas, do ar seco que deixava minhas bochechas rosadas sem precisar de *blush*. Eu sentia saudades da bicicleta com a qual atravessava a cidade de cabo a rabo em vinte minutos. Sentia saudades das minhas corridas até a Bélgica — eu, que depois de ter sido mãe não conseguia mais dar uma

.....
37. Os filhos crescem.

38. Os filhos crescem e continuam sendo a coisa mais preciosa.

39. Os filhos crescem e alguém te ensina a meditar, e de repente você não está mais tão exausta quanto antes.

volta no quarteirão sem ficar ofegante. Em *Coisas que não quero saber*, de Deborah Levy, leio:

Agora que éramos mães, éramos todas uma sombra da nossa antiga existência, perseguidas pela mulher que costumávamos ser antes de termos filhos.

Eu sentia falta da minha pequena todos os dias. Quando fazíamos chamadas de vídeo, ela, claramente perdida, me procurava pelos cantos do iPad. Nessas ligações ela adiava e adiava e adiava a hora de desligar, andava pela casa me mostrando seus brinquedos como se eu não os conhecesse, como se o seu pequeno mundo, restrito ao nosso apartamento, fosse uma novidade que ela queria me apresentar na esperança de me seduzir de volta para junto dali. Nesse dia, chorei mais do que ela. Chorava de amor e saudades, mas também chorava de culpa pela alegria e pela leveza que me causava estar longe, de volta ao meu velho mundo de solteira e estudante.

Ferrante, Levy e Cusk me tiraram dos ombros a culpa pela saudade que eu sentia de quem eu havia sido, essa sombra de mim mesma que eu achava que precisava morrer para que nascesse a mãe. O fantasma do que havia sido a minha vida era em parte responsável pelo assombro que me acompanhou durante os primeiros anos da maternidade.

.....
40. Um belo dia, acontece: uma noite inteirinha de sono!

VIII

*Quando não souberes para onde ir,
olha para trás e saiba pelo menos de onde vens.*

Provérbio africano

Dois livros recentes me tocaram fundo porque falam de ancestralidade, da importância de entender de onde viemos e de conhecer as que vieram antes de nós. Falam também sobre como o dinheiro aprisiona as mulheres e como a miséria tantas vezes determina seu destino.

As Maravilhas, de Elena Medel, é mais do que uma história de mulheres, é um relato da luta feminina por direitos. Maria lidera o movimento operário feminino, e sua história mostra o quanto é difícil lutar quando se é pobre. “Até para protestar é preciso ter dinheiro.” Maria precisou deixar a filha, Carmen, com os irmãos para trabalhar numa cidade grande, e qual não é a dor com que acompanhamos seu

.....

41. Você resolve adotar gatos: vai ser mãe de novo.

42. Há quem diga que mãe de bicho não é mãe. Mentira.

43. Os bichos te ensinam um outro tipo de amor, te colocam conectada com a alma do mundo. Você respeita mais a natureza, você entende melhor o amor pelos outros seres. Mas você ainda saliva por uma bela picanha.

44. O amor pode ser contraditório.

desejo de levar a menina consigo, para a casa dos tios que a recebem:

Carmen existe, sim, rasga a noite com seu choro e acorda todos, ela, Chico e Soledad que — como já lhe avisaram — trata logo de enfiar a cabeça embaixo do travesseiro, fingindo estar dormindo. Carmen existe, seus olhos às vezes como bichos que ela pisotearia; às vezes, pontinhos que ligaria para formar uma figura, e Maria pensa que talvez pudesse voltar para a cidade com ela e pedir para a tia olhar a sua filha enquanto vai trabalhar. Maria, para si mesma: quero dizer tantas coisas, mas não consigo colocá-las em ordem.

O dinheiro (a falta dele) é o obstáculo entre Maria e Carmen. Por uma dessas ironias do destino, Carmen se casa e tem muito sucesso material com o marido. Outra ironia é a infelicidade que ronda o casal, a despeito da bonança financeira. O pouco que sabemos de Carmen chega por Alicia, neta de Maria, que carrega o peso de uma vida rodeada de infelicidades. Nesse contexto, Maria parece uma personagem mais equilibrada, feliz e que realiza grandes conquistas, não apenas para si, mas para todas.

-
45. Você adota gatos porque o seu casamento acabou. A felicidade dos filhotes distrai sua filha da tristeza de ter sua família quebrada.
 46. Para você, não há gatinhos que cheguem.
 47. Pelo menos agora ninguém mais vai lhe perguntar: quando é que vem o próximo?

Com Armas Sonolentas (2018) é uma história triste, também de três mulheres (na verdade quatro, porque a avó da avó está presente sem ser exatamente uma presença concreta). Da avó nem sequer sabemos o nome; sabemos que é pobre, que foi mandada para a cidade grande para trabalhar de empregada, e que foi estuprada pelo filho do patrão, de quem teve uma filha, Anna, que acabou se afeiçoando à família do pai e se beneficiando materialmente dela, sem nunca ter sido assumida. Anna cresce cheia de ambições e tem a chance de viver na Alemanha. Ela, que “sempre teve uma grande facilidade em ir embora, como se o passado, tão tênue, rapidamente se dissipasse”. Na Alemanha, Anna engravida, e é com horror que percebe as evidências disso:

Nunca mais esqueceria daquele instante, quando olhou para os seios e o peso inesperado pela primeira vez, o pensamento, o horror do pensamento [...] Seria possível? Não, não era possível, ela teria percebido, ela teria.

O sonho de Anna não era se casar nem ter filhos, seu sonho era ser atriz, e o casamento, um atalho que parecia levá-la mais longe e mais rápido. Mas nem mesmo isso estava sendo suficiente naquele lugar distante. A crítica ao desejo de ser livre vem dela mesma. De onde viria essa

.....
48. E você naquela vontade de contar para todo mundo o que o seu marido disse.

49. *“Você ficou completamente doida depois que pariu.”*

50. *“Prefiro nós três juntos do que quatro separados.”*

51. Não teve nem uma coisa, nem outra.

crueldade tão grande consigo? Da aceitação dos papéis que foram estabelecidos às mulheres ao nascermos.

A criança nasce, nada muda. A conexão natural entre mãe e filho, a submissão de Anna ao papel que lhe foi designado ao nascer, não acontece.

Anna olhou para o bebê e não viu nada, só um pacote que poderia conter qualquer coisa, uma almofada, um pedaço de pão, olha como ela é linda, repetia Heiner a cada instante, parece com você, imaginando que suas palavras pudessem causar nela algum encontro, mas ela via apenas uma demanda, como se o bebê soubesse algo sobre ela, como se quisesse roubar algo de indispensável que fazia dela uma pessoa, um bebê que percebia e sabia e exigia. [...] Mas as coisas não melhoravam, ao contrário, a cada dia que passava iam se tornando piores, ela ia se tornando pior, mais distante, capaz das piores coisas, e tinha medo de em algum momento deixar de ser humana, restando apenas aquela força, desconhecida e incontrolável [...] não aguento mais, Anna chorava, não vou aguentar, ela repetia, não vou aguentar.

E é então que ela, numa espécie de transe (ou seria apenas depressão pós-parto?), abandona o bebê num parque

.....

52. Você realmente acreditou nisso, que tinha ficado doida. Por anos e anos você fica ruminando essas frases.

53. Mas um belo dia você vai acordar e entender que, putaqueopariu, você não é, nem nunca foi, nem nunca esteve louca.

rodeado por capivaras que lhe garantem que vão cuidar bem da criança.

Que grande momento da história: o aparecimento das capivaras, importantes personagens ao longo de todo o livro, o transe da conversa que antecede o abandono, a humanidade do sonho daquela mulher de ser livre, de ter uma carreira de sucesso, de voltar ao seu Brasil ensolarado. Não consigo deixar de gostar de Anna, ela é admiravelmente honesta consigo, seu sofrimento é genuíno — não foi feita para estar no papel em que acidentalmente caiu.

Os dois livros me fizeram pensar em minhas ancestrais, em quem somos e por que somos quem somos. Minha mãe veio de uma família pobre, pouco escolarizada, em que as mulheres eram forçadas à submissão. Minha mãe e minha avó sofreram violências de que tomei conhecimento já adulta, e que me fizeram questionar o porquê de aquela família ter se mantido coesa durante tantos anos.

Vergonha, pobreza, falta de oportunidades. Essas são algumas coisas que fazem com que mulheres aceitem caladas, sofram em silêncio. A mãe de Anna foi violentada e deixou que fosse feito com sua filha o que quisessem, porque qualquer coisa parecia melhor do que reproduzir na menina sua existência de servidão e silêncio. Anna,

.....

54. Essa raiva que você não entende, e que vem morando dentro de você desde o primeiro jogo de futebol, um dia ela transborda, e você enxerga claro como se tivesse sido operada da miopia: o problema não é o seu marido, é a sociedade toda. É uma merda ser mulher e mãe neste mundo patriarcal.

por sua vez, é uma mulher sem raízes que ainda assim chama pela mãe que ela mal conhece nos momentos de desespero.

Pobreza foi o que distanciou Maria de sua filha Carmen. A responsabilidade de sustentar não somente a si mas aos irmãos, tios e pais a deixou sem opções para estar perto da filha. A cidade grande a devorou, a vida levou Carmen para longe.

E onde estavam eles, o pai de Anna, o pai de Carmen? Não estavam. É sobre elas, as mães, que recai o peso de viabilizar a subsistência da criança que nasce.

Criei uma ficção para as mulheres da minha família a partir de um relato de minha mãe sobre algo que aconteceu quando eu ainda estava na sua barriga. Minha avó descobrira que meu avô tinha outra mulher, e, quando mamãe chegou em casa, ela esfregava o chão de cimento com uma escova. Esfregou até que as cerdas da escova se acabassem. E seguiu com a vida, sem jamais mencionar aquele acontecimento novamente.

Na minha história, depois de deixar o chão muito limpo, vovó faz uma pequena mala, pega o dinheiro que juntou costurando e passando roupas na casa das pessoas, e vai embora. Quem fica jamais saberá para onde. Uma outra vida possível, dentro da literatura.

.....
55. Há mães que matam os filhos.

56. Há filhos que matam a mãe.

57. Há mães que querem morrer.

58. Algumas mães conseguem.

É esta a maior alegria que me dão os livros: por algumas horas, dias ou semanas, sou capaz de entrar na pele de alguém totalmente diferente de mim e então enxergo o mundo sob um outro prisma. Reflito, compreendo, saio de um livro melhor do que quando entrei. Nem é preciso aceitar tudo, basta compreender a existência daquilo que é diferente, diametralmente oposto, que não é coerente com nossas convicções, e a maravilha está feita. Crescemos.

IX

Uma lembrança da minha infância pesou muito sobre a mãe amedrontada que me tornei. É uma tarde qualquer. Eu tenho sete ou oito anos, o meu irmão está para nascer. Ouvimos um grito vindo do outro lado da rua: é a vizinha. “Socorro, socorro, pelo amor de deus, alguém me ajude, ele não está respirando.” Desespero, mesmo em uma criança do meu tamanho. A vizinha corre para a calçada com o seu menino nos braços, completamente encharcado. “Ele caiu na piscina, não sei há quanto tempo. Ele não está respirando.” Outro vizinho rapidamente liga o carro e voam para o hospital, que não era muito perto. Pouco mais de uma hora depois, eles retornam. O menino

.....

59. Há mulheres assassinadas pelos pais dos seus filhos.

60. A maternidade é uma espécie de morte.

61. Ah, a felicidade de uma mãe que pode ficar um dia inteiro sozinha consigo mesma.

está morto. Ele tinha dois anos e meio e sua mãe nunca mais seria a mesma. Eu também nunca mais seria a mesma.

Sempre fui medrosa, ansiosa, tinha sonhos assustadores dos quais eu acordava como que aterrissando de um voo. Mas nada do que eu imaginava era comparável à realidade da morte daquela criança. Quando meu irmão nasceu, eu tinha medo de tudo: sentia-me uma mãe muito responsável, tinha nove anos. Ele tinha uma tendência a chorar até perder o fôlego, e quando isso acontecia eu saía correndo em volta da casa com os ouvidos tapados, cantando mentalmente alguma música que me impedisse de entender os outros ruídos ao redor.

Quando me tornei mãe, os medos tratados ao longo de anos de terapia voltaram. Essa sensação passou a me perseguir dia e noite, de que aquela pequena vida era tão frágil, que coisas terríveis podiam acontecer e que, de alguma forma inesperada, ela poderia deixar de existir. Nenhum cenário apocalíptico poderia ser mais assustador do que imaginar uma vida sem ela.

Curiosamente, livros sobre crianças subtraídas me atraem: talvez por me fazerem viver o terror e a desgraça de outrem, quem sabe por me ensinarem a não cometer os mesmos erros. Ou talvez simplesmente porque tragédias nos ataçam como urubus em cima de carniça. *Casas Vazias*, *Suíte Toquio*, *Véspera*. Crianças que, num piscar de olhos, desaparecem. E a culpa de quem é? De mães distraídas,

.....

62. Um texto que toda mãe deveria ler: *As pequenas virtudes*, de Natalia Ginzburg. É preciso que os filhos saibam que uma bicicleta é sempre melhor que o dinheiro.

autocentradas, que buscam a própria felicidade e prazer, neuróticas, *workaholics* — esses costumavam ser os meus julgamentos, implacáveis, de mãe nada solidária a qualquer coisa que não seja a perfeição. Os momentos mais aterrorizantes da literatura contemporânea — tudo culpa delas. O tema, tão presente na escrita das mulheres, é um terreno pantanoso: há um medo imenso de que nossos filhos deixem de existir, desapareçam, mas existe também o desejo — ou a saudade — da leveza e da liberdade que só é possível possuir quando o coração é um só.

O livro mais trágico fica com a mexicana Brenda Navarro, autora de *Casas Vazias*. Uma mulher cai por engano no poço sem fundo da maternidade. O que de pior pode acontecer, depois disso?

Uma criança desaparece. Sua mãe, culpada por nunca ter desejado esse papel, agora se vê sem rumo.

Daniel desapareceu três meses, dois dias e oito horas depois do seu aniversário. Tinha três anos. Era meu filho. A última vez que o vi, ele estava entre a gangorra e o escorregador do parque ao qual eu o levava todas as tardes. Não lembro de mais nada. Ou sim: eu estava triste, porque Vladimir tinha me avisado que estava indo embora, pois não queria baratear tudo. Baratear tudo, como quando uma coisa que vale muito é vendida por dois pesos. Essa era eu quando perdi meu filho, a

.....

63. A minha mãe me batia.

64. A mãe da minha mãe batia nela ainda mais.

65. Eu aprendi a perdoar, mas nunca, jamais vou entender.

que se despedia de um amante esquivo que oferecia barganhas sexuais como se fossem presentes. A mãe que é uma fraude. A que não viu.

Por sorte, não ficamos para ver a mãe desgarrada do seu filho descobrir o destino do menino. A história vai se tramando numa espiral de tragédias e angústias, e no final respiramos aliviadas por estar de volta às nossas insignificantes misérias cotidianas.

Carla Madeira também nos traz uma mãe num ligeiro momento de insanidade, que acaba facilitando o sumiço da sua criança.

Augusto chuta a cabeça da mãe. Vedina mete o pé no freio até o fundo. A parada é brusca. Augustinho voa. Voa e bate no console do carro. Bate e explode numa gargalhada. Aquilo foi uma manobra radical, o monstro fora pra sempre humilhado. A gargalhada agride. Vedina abre a porta e sai. Ela puxa o filho para a calçada e em seguida joga no chão, aos pezinhos dele, a mochila colorida. Sem uma palavra, entra novamente no carro e arranca.

Ao longo do livro, vamos conhecendo mais sobre essa mulher e seu casamento infeliz, o marido violento, a gravidez acidental que não melhora em nada o convívio do

.....

66. O maior desejo de uma mãe é ver o filho feliz.

67. Mães também têm desejos para si. Tantas vezes esses desejos adormecem, são esquecidos.

68. Algumas vezes os desejos são puramente carnis.

casal, a criança negligenciada por pais com problemas demais para exercer o seu papel.

Há tanto tempo Vedina queria ter ido embora. Por que não foi? Por que se pôs assim na rota do imperdoável? Ficou porque estava presa à inabalável convicção de poder penetrar na rocha. [...] E uma mulher não deve se enganar quanto a isso: se é preciso força para tocar no amor de um homem, melhor deixá-lo.

Madalosso, autora de *Suíte Tóquio*, nos oferece uma tragicomédia: uma menina é sequestrada por sua babá enquanto sua mãe transa “como uma macaca bonobo” com uma nova colega de trabalho. A leveza da narrativa vem também da boa índole da sequestradora — sabemos imediatamente que a babá, Maju, tem bom coração (e prefere livros a novelas). Com uma antagonista engraçada e amorosa, ficamos esperando pelo final feliz para todas as partes.

A mãe de *Suíte Toquio* não consegue repetir na maternidade o sucesso de sua vida profissional.

A questão era a dificuldade que eu estava tendo para acomodar Cora na minha vida. Com uma honestidade que novamente me

.....

69. Mães também sonham em ser alguma outra coisa além de mães.

70. Que difícil é se dar conta de que você é vista como “a mãe do fulano”.

71. A minha mãe teve um monte de sonhos que não se tornaram realidade.

surpreendeu, contei para Yara como eu estava apanhando no cargo de mãe. Que para mim era muito mais fácil aguentar os desmandos de São Pedro numa filmagem ao ar livre do que os desmandos de uma criança num momento de birra.

Tive muita raiva dessa mãe, desejei-lhe o pior, achei que ela mereceu perder sua filha, desnaturada, egoísta, aut centrada. Foi somente numa segunda leitura, anos mais tarde, que comecei a olhar para ela de forma mais solidária. Ela estava apenas tentando, e fracassando. Como, no fim das contas, estamos todas. Quem nunca teve que gritar o nome do filho em uma praça, em desespero, que atire a primeira pedra. Basta um segundo para que uma criança se vá. E a culpa: a culpa por não amar plenamente a função de mãe, a culpa por não exercer a função com excelência. Ainda que amemos nossos papéis, ainda que a maternidade seja o centro das nossas vidas, a culpa encontrará uma brecha para mostrar que a perfeição é inatingível.

Daí o alívio, o consolo: encontramos nessas leituras mães que falham. Acompanhamos seus embates com sentimentos como cansaço, tristeza, insatisfação, medo.

Culpas maternas são tão vastas que eu poderia passar um dia inteiro listando. Há entre elas a culpa pela família que se

.....

72. Tudo bem odiar ser mãe. Por um dia, um ano, por uma vida inteira. Tudo bem odiar essa instituição fundada pela consciência masculina.

73. O que exatamente querem dizer com “ela nasceu pra ser mãe”?

despedaça. Uma culpa cruel, porque vem acompanhada de muita dor.

X

Ela sente até o âmagô que cada abandono é um turbilhão e um aniquilamento, talvez até um indicador do deserto que cresce a nossa volta. Mas ela reage, se levanta, vive.

Elena Ferrante

A separação de um casal é um momento difícil. No meu caso, foi a coisa mais dolorosa por que passei. Meses remoendo o que havia acontecido, onde estaria a raiz do erro, quem havia errado primeiro, por que não foi possível seguir um caminho diferente. Foi também na literatura que encontrei abrigo para essa dor.

Alguns livros me chamaram especialmente a atenção porque têm um elo comum: as mulheres que enlouquecem com o abandono do marido.

Dois protagonistas rondaram o meu pensamento por meses: Mia, de *O verão sem homens*, e Olga, de *Dias de abandono*.

.....
74. Mulheres que têm muitos filhos me assustam.

75. O mundo é ruim demais para se colocarem crianças nele.

76. Talvez seja justamente por isto que precisamos ter filhos: tentar fazer do mundo um lugar menos ruim.

Algum tempo depois que ele disse a palavra *pausa*, enlouqueci e fui parar no hospital. Ele não disse *Nunca mais quero ver você* ou *Acabou*, mas depois de trinta anos de casamento uma “pausa” foi o bastante para me transformar numa maluca, com os pensamentos explodindo, ricocheteando e resvalando uns contra os outros como milho de pipoca dentro de um saco em um micro-ondas. [...] A Pausa era uma francesa de cabelos sem graça, mas castanhos e brilhantes. Tinha seios significativos e naturais [...]. Ela era jovem, claro, vinte anos mais nova do que eu.

Uma tarde de abril, logo após o almoço, meu marido me comunicou que queria me deixar. Fez isso enquanto tirávamos a mesa, as crianças brigavam como sempre no outro cômodo, o cachorro resmungando ao lado do aquecedor. Disse-me que estava confuso, que vivia maus momentos de cansaço, de insatisfação, talvez de covardia. Falou por muito tempo dos nossos quinze anos casados, dos filhos, e admitiu que não tinha o que reclamar deles nem de mim.

O roteiro é quase o mesmo: casamentos de longa data, filhos, mulheres pegas de surpresa, uma insatisfação repentina que é na verdade um novo amor. O desespero do abandono que toma a forma de loucura. Em *O verão sem homens*, de Siri Hustvedt, a loucura imediata,

.....
77. Houve um tempo em que tive muita inveja das mulheres que tinham mais de um filho.

78. Hoje não tenho mais.

79. Amo meus animais com um amor maternal.

80. São os outros filhos que eu nunca terei.

raivosa, que precisa ser domada, leva Mia a meses de internação numa clínica psiquiátrica. Em *Dias de abandono*, de Ferrante, vamos lentamente acompanhando a descida rumo ao caos de Olga, que vai se desfazendo enquanto deixa de dar conta das coisas corriqueiras da vida: explode de raiva com o cachorro, os filhos, os vizinhos, deixa de perceber o mundo ao redor de si, que quase desmorona.

A protagonista do livro de Siri Hustvedt, Mia, é quem faz o diagnóstico: a dor de ter dedicado tudo, muito mais que o homem, à relação e à família que se desfazem com a facilidade de um bordado mal finalizado.

A banalidade da história — o fato de que isso se repete todos os dias *ad nauseam* por homens que descobrem súbita ou gradualmente que o que É não PRECISA SER e então se livram das mulheres envelhecidas que cuidaram deles e dos filhos durante anos — não cala a angústia, o ciúme nem a

.....

81. Uma crônica de Clarice Lispector fala de uma bailarina do Corpo de Baile do Teatro Municipal, de corpo muito delicado, que perdeu o seu bebê. Os médicos lhe disseram que seu corpo não fora desenhado para a maternidade. Era um feto muito pequeno, mas para ela era uma criança inteira. Pediu a seu pai que o plantasse no jardim. A bailarina disse que ficaria grávida muitas vezes até que conseguisse conservar o feto por nove meses em sua barriga. Sofrida, machucada, corajosa: ela era uma mãe, conclui Clarice.

humilhação que recai sobre quem foi deixada para trás. Mulheres desprezadas.

Olga também nos dá algumas pistas:

Sim, eu era boba. Os canais dos sentidos estavam fechados, não escorria mais o fluxo da vida desde sabe-se lá quando. Que erro tinha sido fechar o significado da minha existência nos rituais que Mario me oferecia com um prudente sentimento conjugal. Que erro ter entregue o sentido de mim mesma às suas gratificações, aos seus entusiasmos, ao percurso sempre mais frutífero da sua vida. Que erro, sobretudo, crer que não poderia viver sem ele, quando havia tempo que nada me dava certeza de que estivesse viva com ele.

Antes de ler o livro de Ferrante, nunca tinha conseguido elaborar algum entendimento sobre a dor da separação que, qualquer que seja o motivo, sempre deságua em algum tipo de abandono — abandonamos a ideia de uma família feliz, um futuro juntos, uma velhice acompanhada. Me pergunto até que ponto esses términos têm como causa raiz os papéis

.....
82. Deborah Levy: “O que realmente significa maternal? Se implica reconfortar, proteger, ensinar, alimentar, encorajar, mentir, ser âncora na tempestade da vida, sempre estar presente, então é um bocado exigente para com qualquer personagem ter que preencher essa lista de qualidades. Muitas mulheres que conheci que não tinham tido filhos eram muito mais talentosas em todos esses requisitos impossíveis”.

assumidos por cada uma das partes: o homem como aquele que conquista o mundo, a mulher como mantenedora da ordem, interna e externa, dos membros da família.

A protagonista de Ferrante não consegue reproduzir a rotina da vida sem o marido em casa, está perturbada demais com o fim do casamento e isso se reflete na relação com os filhos. No entanto, o sentimento dela em relação à maternidade nem sempre era positivo, como ela conta lembrando-se do tempo em que as crianças eram menores, em *Dias de abandono*:

Escrevia, à noite, nos meus cadernos as entradas e as saídas, como se fosse uma contadora que tivesse que prestar contas ao patrão da empresa. Escrevia, também, em alguns momentos, entre os números, como me sentia: um pedaço de comida que meus filhos mastigavam continuamente, uma bola feita de matéria viva que amalgamava e amaciava continuamente a sua substância viva para permitir às duas sanguessugas vorazes nutrirem-se, deixando-me no corpo o cheiro e o sabor de seus sucos gástricos. Amamentar, que nojo, uma função animal. E depois os hálitos mornos e adocicados das papas. Por mais que eu me lavasse, aquele mau cheiro de mãe não ia embora.

Há ainda um momento em que Olga, no auge de sua amargura por ter sido trocada pela jovem de dezoito anos (que ela acredita que seu marido deve ter confundido com o futuro), se dissocia do papel de mãe:

.....

83. Não é sensato buscar refúgio nos filhos.

Esperava, enquanto cuidava dos filhos de Mario, um tempo que não chegava nunca, o tempo em que eu teria recomeçado a ser como havia sido antes da gravidez, jovem, magra, enérgica, descaradamente convencida de poder fazer de mim sei lá que espécie de pessoa memorável.

Seguimos Mia e Olga nesse remoer de (re)sentimentos com o fim do casamento. Ambas tiram a poeira das memórias, repassando os anos vividos juntos, enquanto tentam encontrar sentido em uma vida fora do casal. Olga encontra uma distração masculina, o vizinho músico com quem terá encontros sexuais fortuitos. Mia vai passar o verão em sua cidade natal, onde a mãe reside numa espécie de “asilo de idosos em estágios”. Ali ela vai fazer amigas e oferecer uma oficina de poesia — numa estratégia diferente da de Olga, mas num processo igualmente reflexivo e doloroso.

O que é preciso para que uma vida compartilhada tenha valido a pena? O que é preciso ter construído dentro de si para que estar só não signifique a solidão completa? Qual é a vida possível depois do fim? É possível muito, há todo um infinito dentro das possibilidades de uma mulher que tenha a coragem de, olhando no espelho, enxergar a si mesma e às suas próprias forças. “Espero que vocês não tentem tirar sua força dos homens, ou de um homem. Espero

.....

84. Quando a gente se torna mãe, às vezes é fácil esquecer que também somos filhas.

85. Mães não deviam morrer nunca.

86. Filhos muito menos.

que vocês agarrem e construam suas próprias almas, que vocês sintam suas vidas por vocês mesmas, dor por dor, alegria por alegria”, é o que Ursula Le Guin me sussurra, e que desejo gritar para Mia, Olga, e para todas as outras mulheres do mundo.

XI

Além de tratar com ironia a idealização da maternidade, o livro *As alegrias da maternidade*, de Buchi Emecheta, fala sobre expectativas e cobranças. Enquanto escrevo, ainda não sei se me encontro no momento de refletir sobre minhas expectativas como mãe. O livro de Buchi me trouxe uma reflexão dolorosa: muito além de dar a ver a dureza da vida de mulheres e mães africanas esmagadas por uma sociedade ainda mais patriarcal do que a nossa, ele me fez constatar que não consegui ser a filha que minha mãe um dia sonhou ter.

Há em Nnu Ego, ainda, outro sentimento subjacente: o desejo de estar só, que é na verdade o desejo de descobrir ser alguém além de mãe dos seus filhos. Algo que permaneça de pé quando os filhos não estiverem por perto.

“Deus, quando você irá criar uma mulher que se sinta satisfeita com sua própria pessoa, um ser humano pleno, não o apêndice de alguém?”, orava ela em desespero. “Afinal, nasci sozinha

.....

87. Há mães que amam os filhos, mas odeiam ser mães.

e sozinha hei de morrer. O que ganhei com tudo isso? [...] Quando ficarei livre?”

Levy traz questionamentos que ajudam a refletir sobre o incômodo entre ser o que se é e o que se espera que sejamos, sem oferecer respostas.

Eu me perguntava se seria possível ser um personagem matriarcal que não mantém ninguém refém de suas necessidades, de seu ego, de suas ansiedades e oscilações de humor. [...] Talvez o custo secreto do verdadeiro amor seja que ele tem que ser livre para ir embora. E para voltar.

O final de *As alegrias da maternidade*, embora triste, traz a ironia da solidão de quem não soube encontrar alegria em nada além dos filhos. A vingança *post mortem* de Nnu Ego é, então, não atender às preces das mulheres que lhe rezavam por fertilidade.

Certa noite, Nnu Ego se deitou à margem da estrada, convencida de que já havia chegado em casa. Morreu ali, discretamente, sem nenhum filho para segurar sua mão e nenhum amigo para conversar com ela. Nunca fizera muitos amigos, de tão ocupada que vivera acumulando suas alegrias de ser mãe.

.....

88. De novo, Natalia Ginzburg: “Costumamos dar uma importância ao rendimento escolar de nossos filhos que é totalmente infundada. Na educação, o que deve estar no centro de nossos afetos é que nossos filhos nunca percam o amor à vida”.

Enquanto vejo minha filha crescer, percebo que não tenho o direito de sonhar nada para ela — além de que seja livre, feliz, pessoa amorosa, que viva sem medos. Para além disso, que ela seja quem e o que quiser, que viva longe ou perto de mim, que tenha a sorte de amar muito quem desejar, que seja corajosa para desenvolver seus talentos e que saiba ser paciente quando seus planos derem errado. Porque assim é a vida. Aproveito e sigo com meus próprios sonhos, expectativas e desejos que, a essa altura, já descobri que não competem com o meu lugar de mãe.

XII

*O que realmente vai parar dentro de um livro é um mistério
sobretudo para quem o escreveu.*

Elena Ferrante

Em *A teta racional*, de Giovana Madalosso, há um momento comovente e honesto sobre a maternidade:

[...] virou-se para mim e disse: mãe sofre, minha filha, você vai ver. Ela nem precisava me dizer, eu já estava vendo. Ou pelo menos começando a ver, porque desde que meu filho nasceu, eu andava sentindo umas coisas estranhas. Era como se o meu emocional tivesse sofrido um corte mais profundo e ganhado

.....

89. “Mãe é sagrado”: essa afirmação é um peso, alude a perfeição e devoção. Em mim, não há nem uma coisa, nem outra.

uma nova camada, que me deixava experimentar mais amor e mais felicidade, mas também mais medo e mais dor.

O diálogo faz parte de um conto narrado por uma mulher que engravidou de uma “trepada de desespero” e agora está sozinha com seu recém-nascido, tentando entender (e aceitar) sua nova realidade. E, no entanto, os sentimentos de medo, alegria, solidão e dor estão em cada uma de nós, talvez em gradações diferentes.

Foi em 2011 a minha experiência acachapante. Enquanto escrevo este texto, crio coragem e busco meu diário dos meses que antecederam o nascimento da minha filha. Os escritos são de 2010, quando em nada eu conseguia me encontrar. Chego em meados de dezembro, o dia em que resolvi fazer xixi num palito. Eu ia à terapia e dizia que ficar grávida era uma forma muito legítima de procrastinar a escrita de uma tese. A gravidez me deu um objetivo: eu estava fazendo uma vida dentro de mim. Nada nem ninguém é capaz de nos preparar para isso, quer seja nosso maior sonho ou um grande acidente. Ou seria somente eu?

Eu não estava preparada para entender que a minha vida tinha acabado — a vida que eu havia conhecido até ali. Que eu tinha morrido, e que uma nova pessoa tinha acabado de nascer. Não a minha filha, claro, ela também, mas eu era outra pessoa e olhava o mundo pela primeira vez e não me

.....

90. Há mães que largam tudo e vão embora.

91. Qual mãe nunca quis desaparecer?

92. Há mães que não têm filhos: há mulheres que são mães do mundo inteiro.

dava conta do que ele me oferecia ou do que pedia de mim. Eu não dormia, não conseguia ter foco, não tinha tempo para ver séries, e quem era aquela pessoa que dormia ao meu lado e que até o dia anterior era a mais importante para mim? Passei meses chorando debaixo do chuveiro, para que ninguém soubesse da minha angústia. Acaso eu não queria ser mãe? Não tinha sido esse meu pensamento obsessivo desde que eu completara 33 anos e decidira unilateralmente abandonar métodos contraceptivos, a despeito de uma tese que precisava ser escrita e defendida? Seria difícil demais explicar o terror que eu sentia diante da vida que se revelava para mim, que eu julgava ser incapaz de abraçar. Uma outra pessoa era agora o centro do mundo, eu e minhas vontades ficamos de repente jogadas de lado, e eu não sabia mais dizer se haveria espaço para o que antes era um casal.

Custou tempo entender que algumas perguntas não têm resposta. Ou pelo menos não uma resposta correta. Ao longo dos anos de amor, angústia, dor e alegria, fui aprendendo que a minha maternidade era única, que esse acontecimento banal pelo qual a vida segue acontecendo e a humanidade se perpetua pode ser um milagre, uma maldição, a salvação ou o fim. Que eu tenho sorte de que, para mim, tenha sido bonito de um jeito singular.

É curioso como essa experiência, tão linda, intensa, dolorosa, custosa, longa (infinita, minha mãe poderia

.....

93. Acho que estou me saindo bem como mãe.

94. A imperfeição é a regra.

95. Mas o erro não precisa ser o personagem principal dessa trama.

dizer) continua a se repetir por todos os cantos do planeta. Mulheres solteiras, casadas, jovens, mais velhas, de primeira viagem, de segunda, de terceira... seguem se multiplicando a despeito dos peitos empedrados, dos mamilos feridos, dos homens que vão embora, dos homens que ficam, dos filhos doentes, dos filhos mal-agraçados, dos abortos espontâneos, das más-formações fetais, do mundo em guerra, do planeta em chamas, das geleiras derretendo, do gás carbônico nos sufocando, da fome, da seca, da dengue, da Covid, do câncer. Seguimos nos reproduzindo porque, enquanto houver vida, haverá esperança, e a vida depende de nós, mulheres e mães do mundo. A natureza conta com a nossa teimosia.

XIII

Quando leio um livro nunca penso em quem o escreveu, é como se eu mesma o estivesse escrevendo. [...] Acho que os escritores são amanuenses devotos e solícitos que traçam em preto e branco de acordo com uma ordem própria mais ou menos rigorosa, mas que a verdadeira escrita, a que realmente importa, é obra dos leitores.

Elena Ferrante

Clarice Lispector costumava dizer que escrevia para salvar a própria vida. Marguerite Duras dizia que escrevia para alcançar o desconhecido. Eu, como mulher que escreve,

.....
96. É preciso pedir desculpas.

97. A gente faz o que dá conta.

especulo sobre as questões que estiveram rondando cada uma das autoras dos livros que me carregaram para dentro de reflexões intermináveis. Entender o desconhecido, iluminar o sombrio, expurgar demônios, ver além da própria experiência? Em *Escrever*, Duras me traz algumas pistas.

Pois um livro é o desconhecido, é a noite, é fechado, é isso. É o livro que avança, que cresce, que avança rumo ao seu próprio destino e o de seu autor. [...] Um livro aberto é também a noite. [...] Escrever assim mesmo, apesar do desespero. Não: com o desespero.

O desespero contido em cada uma das histórias que me carregaram existe e é palpável. É de uma multidão de mulheres, mães, perdidas, sozinhas, apaixonadas, tristes, exultantes, incompletas, imperfeitas. Contraditoriamente, conforta a nós, leitoras, porque nos leva além. Afinal, nós também lemos para existir, lemos porque a vida não basta.

.....
98. Se alguém disser que vai ficar mais fácil, duvide.

99. Não fica mais fácil, mas fica cada dia mais bonito.

Obras citadas

- Brenda Navarro. *Casas Vazias*. Porto Alegre: Dublinense, 2022.
- Buchi Emecheta. *As alegrias da maternidade*. Porto Alegre: Dublinense, 2017.
- Carla Madeira. *Véspera*. Rio de Janeiro: Record, 2021.
- Carola Saavedra. *Com Armas Sonolentas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- Deborah Levy. *Coisas que não quero saber*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- Deborah Levy. *O custo de vida*. Belo Horizonte: Autêntica Contemporânea, 2023.
- Deborah Levy. *Bens imobiliários*. Belo Horizonte: Autêntica Contemporânea, 2023.
- Elena Ferrante. *A Filha Perdida*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.
- Elena Ferrante. *História da Menina Perdida*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.
- Elena Ferrante. *Dias de Abandono*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.
- Elena Ferrante. *Frantumaglia*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.
- Elena Medel. *As Maravilhas*. São Paulo: Todavia, 2022.
- Giovana Madalosso. *A teta racional*. São Paulo: Grua, 2016.
- Giovana Madalosso. *Suíte Toquio*. São Paulo: Todavia, 2020.
- Marguerite Duras. *Escrever*. Belo Horizonte: Relicário, 2021.
- Natalia Ginzburg. *As pequenas virtudes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- Rachel Cusk. *A life's work: on becoming a mother*. London: Faber & Faber, 2008.
- Siri Hustvedt. *O verão sem homens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- Ursula Le Guin. Nós somos vulcões. *Caderno de Leituras* n. 170/2023, Ed. Chão da Feira.

**lorena
barbosa**

depois
que você
voltar

*À minha mãe. Por tudo, sempre.
E todo o resto é literatura.*

Esta é uma carta de amor.

Enquanto a escrevo, sinto saudades da minha mãe. Nós nos encontramos há duas horas. Por que você não quer viver comigo?, ela me pergunta. Você me machucou muito, respondo. Me desculpa, ela se justifica, eu não sabia nada sobre a vida. Eu queria que você tivesse me amado, insisto. Eu te amei, rebate. Não desse jeito, luto. Foi do jeito que consegui.

O amor dela me tira do eixo e me faz questionar profundidades sobre mim. É um amor que desconcerta. Dizem que o amor não dói. Eu discordo. O nosso é diferente.

Amo você de um jeito que não é bonito. Amo você na esperança de que você me ame também. Eu sei que você me ama. Sei também que eu queria ter sido amada de outro jeito. Continuo tentando compreender a beleza disso.

Hoje, somos duas mulheres. Erradas. Intensas. Você é mãe, eu não consegui ser ainda. Tenho muita raiva disso. Sinto que, nessa batalha, você venceu — você sempre vence.

Faremos um longo caminho de volta. De volta para onde?

I

Andávamos juntas. Pisávamos em poças.
Não estrague seus sapatos, filha.

Vimos nossas imagens refletidas no canto do asfalto.

A gente não se parece, né, mãe?
Não. Fisicamente, não. A gente se parece, sabe onde?

Onde?

Por dentro.

II

Olhe para o meu corpo, ordenava ela.

Eu encarava o corpo nu da minha mãe em frente ao espelho da nossa antiga casa. Olhava para os seios levemente caídos, a barriga com estrias, alguma gordura na região do quadril.

Está vendo? Você o destruiu, ela dizia.

Novamente, eu encarava o corpo nu da minha mãe. Sentia que estaria, para sempre, ligada àquele evento canônico: o de destruí-la. Antes mesmo de tomar consciência de existir, antes mesmo de saber que era mulher, negra, pessoa, eu havia arruinado alguém. Seria, para sempre, uma vilã.

Ou uma super-heroína. E aquele seria o meu grande poder: a destruição. Aprenderia, a partir dali, a destruir tudo e todos. Destruiria as minhas notas da escola, o meu corpo, o casamento dos meus pais, a minha própria ideia de casamento. Tudo, ao ser tocado por mim, se transformaria em ruína.

Milhões de horas em trabalho de parto, ela me dizia. Milhões de horas de sofrimento ininterrupto, de enfermeiras cruéis, de médicos escrotos e de companheiras de quarto histéricas. Eu não queria vir ao mundo — será? Quando vim, quanta alegria. Cheguei, finalmente. As outras mães vinham te visitar, você tinha a sobrançelha mais bonita de todas. Era o bebê mais lindo de todo o hospital, ela dizia.

Era.

Agora eu era uma criança de seis anos, encarando-a por detrás do corpo do meu pai. Ela parecia tão forte, no alto do quinto degrau da escada da nossa sala, segurando uma faca afiada nas mãos. Impassível. Eu a via, e sentia muito

medo. Eu a endeusava. Ela me devolveia olhares de fúria. Do outro lado do cômodo, eu conseguia sentir sua raiva bater na minha cara, obrigando-me a entrar numa coreografia pouco ensaiada. Essa é a última memória que tenho daquele apartamento, onde moramos por tão pouco tempo. Minha mãe, apontando uma faca para mim. Quando você tiver um filho você vai entender, ela disse por último.

*

Pisco os olhos. Salto pela memória e ela me pega pela cintura. Busco registrar em palavras o que, em mim, ainda não existe. Tento, em vão. Não domino o uso da linguagem porque, agora, sou uma garota de nove anos. Uma garota de nove anos que não consegue gostar de si.

Sou magra demais. Meu nariz é grande. Meus dentes são tortos. Não enxergo bem e, por isso, preciso usar óculos. Sou desatenta e, por isso, preciso de uma corda que amarre os óculos em meu rosto. Na escola, apontam o dedo para mim e falam do meu corpo como se ele não pertencesse a lugar nenhum. Como se, dentro dele, não existisse espaço para minhas habitações. Tocam-no constantemente, riem dos meus ossos protuberantes. Questionam o meu rosto negro, meus cabelos encrespados, o contorno das minhas mãos. Caçoam da minha voz, do som da minha risada. Comparam-na ao relincho de um cavalo. Neste instante, furo a linha entre o que me torna humana e me estabeleço no limiar do animalesco. Sou meio gente meio bicho.

Outro bicho, menor do que eu, assombra os meus colegas de classe. Nós, meninos e meninas pobres de uma

escola pública da periferia de Belo Horizonte, compartilhamos, pela primeira vez, um medo em comum: o de pegar piolho.

Jéssica tem piolho. Do outro lado da sala, consigo ouvir as vozes que caçoam dela. Chamam-na de piolhenta. Jéssica perdeu a mãe há dois anos e dizem que, por esse motivo, ela é a hospedeira dos piolhos, culpada por nos transmitir os insetos.

Mãe é quem cuida da gente, cochichavam entre as carteiras, e a Jéssica não tinha mãe. Eu gostava muito de pensar na Jéssica e no fato de ela não ter uma mãe. Olhava constantemente para ela enquanto ela chorava. Algo na Jéssica, para além dos piolhos, me fascinava. Deve ser triste não ter uma mãe.

A minha mãe, assim como todas as outras, também tem medo de que eu pegue piolho. Eu mesma tenho medo de pegar piolho. Tenho medo, também, de me olhar no espelho. Evito fitar o meu reflexo.

Não gosto do que vejo.

Gosto mesmo é de olhar para a minha mãe. Ela é bonita. Tem os cabelos longos, cacheados. É alta. Tem a pele retinta. Queria conseguir ver dentro da gente, onde éramos parecidas. Queria atravessar o seu corpo e achar alguma coisa escondida entre os seus órgãos. Sentia que a minha mãe queria me atravessar também. E, nesse sentir interminável, ficávamos assim, encarando uma à outra, desejando, ambas, termos outra aparência, buscando as nossas semelhanças invisíveis, sendo eternas presas do não pronunciável, pondo nas palavras só aquilo que sabia ferir.

A minha mãe também não gosta do próprio corpo, então toma remédios para emagrecer, embora nessa época

eu ainda não sabia disso. Nessa época, eu não sabia de muita coisa. Sabia que as tardes amadureciam e que eu tinha medo do escuro. Sabia que eu chorava à noite, quando a minha mãe demorava a chegar. Sabia que eu gostava mais dela do que de mim. Mas, de muitas coisas, eu não sabia. Dos remédios, por exemplo, só vou saber mais tarde, muito tarde. Nem quando encontrá-la numa cama de hospital eu vou saber.

Nem hoje, eu vou saber. Vou saber depois de amanhã, quando anoitecer. Depois que este texto acabar.

Hoje, eu sei que, naquela época, a minha mãe era linda. Parece saber de muita coisa. Parece não ter medo de nada.

Eu sei que a noite me entristece. Quando o sol se põe, desabo a chorar. Quero dormir na cama dos meus pais. Gosto muito do meu pai, disso também sei. Mas quero dormir com ela: minha mãe. Sei disso, porque quero sugar sua força, sua beleza, sua raiva, seu ódio. Consigo, por ora, o medo dos piolhos, e me dou por satisfeita.

Enquanto caminhávamos juntas ao cabeleireiro do bairro, ela me deu a mão. Atravessávamos as ruas cheias de carros no momento que meus dedos suavam. Meu coração batia forte por estar tocando-a. Gostava da sua companhia. Queria conseguir alcançá-la.

Chegamos ao nosso destino, e, com ele, veio o corte.

Afiado, abrupto, dolorido. “Dois dedos abaixo das orelhas.” Não houve nenhum sangue e eu permaneci ali, sentada na cadeira do salão, não fazendo nada além de respirar. Na escola, no dia seguinte, todas as crianças riram juntas da garota negra com sua cabeleira que mais parecia um capacete. Um capacete dois dedos abaixo das orelhas. Eu não sabia por que era engraçado.

Hoje, eu também não sei. Vou saber depois de amanhã, quando anoitecer. Depois que este texto acabar.

Quando a tesoura se afastou e eu consegui me levantar, chorei. Busquei a minha mãe pelo ambiente e ela estava ali, sentada na cadeira de espera, folheando uma revista. Parecia o Deus do Gênesis. Balancei a cabeça, contendo os rios que caíam pelos meus olhos. Tomei coragem, não sei de onde, e passei a mão pelos meus cabelos. Cheguei, delicadamente, onde deveriam estar meus cachos e estremei. Eram eles que escondiam as imperfeições do meu rosto negro, pardo, indefinido.

Agora eu estava exposta, nua, feia. Nada. Quando você tiver um filho, você vai entender, ela disse por último.

Hoje, eu também não entendo. Vou entender algum dia, quando parir. Muito tempo depois de terminar de escrever este texto.

III

Estávamos olhando nuvens
deitados na grama
num domingo ensolarado.

Você acha que um dia teremos filhos, pergunto eu
eu não sei, responde ele
como você não sabe, continuo.

Antes de nos separarmos, eu achava que teríamos
um filho
teríamos tudo. Éramos tudo.
Para sempre.

Resposta errada, golpeei.
E por que todas as respostas
precisam ser corretas, atacou ele.

E me matou.

IV

O sorriso da minha melhor amiga, a última música da minha banda favorita, o cheiro do café da minha avó e as suas histórias que nunca tinham fim. A descoberta do meu corpo foi numa terça-feira à tarde. O calor subia pelas minhas pernas. O toque, leve como uma pluma, e a sensação de estar pecando. A culpa que me perseguiu por anos. Deveria ter ajoelhado no milho, pedido perdão a Deus. Deus, personagem presente nos meus pesadelos mais assombrosos. Deus, me condenando ao inferno por não acreditar nele. Por não ser boazinha. Por gozar. Por não ser amada. O rosto do meu professor favorito. Os passos do meu pai, quando ele ainda morava em nossa casa.

Todas essas memórias passavam pela minha cabeça enquanto ela me batia no sofá.

Seu corpo, consumido pelo ódio, inclinava-se sobre mim, com força. Ela estava de pé, tentando me jogar ao lugar mais submerso do estofado. “Isto é por amor, você está me ouvindo? Quem ama corrige, você está me ouvindo?” Não, eu não estava. Eu pensava, na verdade, sobre quando tinha dez anos de idade e cogitei fugir de casa com a Júlia, minha vizinha rebelde e melhor amiga da escola. Bolávamos planos mirabolantes, queríamos ser livres, viver num filme adolescente. Teríamos uma vida *underground*, bela e alternativa. Alguns anos depois, eu ria sozinha dessa ideia idiota. Não, eu não estava ouvindo a minha mãe. Eu pensava na Júlia. Nos nossos sonhos. Na primeira vez que nos beijamos.

De repente, voltei para a minha realidade. Você está me ouvindo?, disse ela. Estava. Olhei no fundo dos seus olhos.

Era a primeira vez que isso acontecia. Como numa espécie de lapso de racionalidade, ela se assustou. Olhou para mim com tanto medo que me lembrei da sensação de acordar assustada, depois de ser mandada para o inferno por Deus. Era um medo familiar. Medo de ser sozinha, de ser muito má, de ser descoberta e condenada por isso. Medo de que todos vejam o quanto sou humana, e que sinto muito por isso. Queria ser qualquer outra coisa. Lembrei de quando estava na escola e me compararam a um cavalo. Naquele momento, desejei muito ser um. Queria também ser o carpete bonito de uma mulher rica, ou a memória de uma pessoa morta. Qualquer coisa, menos um ser humano do sexo feminino, do corpo preto, cujas pernas eram acertadas pelas mãos da sua linda mãe. Entre muitos pensamentos, este também me atravessava: o quanto ela era linda.

*

Você sente, de repente, dor. Uma lágrima cai dos seus olhos, na frente da sua filha. Ela percebe. Você está absurdamente vulnerável, tem medo de ser taxada de ridícula. De ser descoberta. De que ela perceba que você também está perdida, que você também sofre, que você também tem pesadelos com Deus e não consegue dormir. Que você também odeia aquela vida de merda. Que você não se acha linda.

*

Eu estava ouvindo. Ela voltou-se para mim: bateu o chinelo no meu rosto.

V

Ele tirou uma foto minha, em frente ao espelho, em março.

Sou um buraco negro em sua vida, ele disse, ao ver sua imagem refletida sob um flash ofuscante.

Seguramos a foto juntos. Olhei para o seu rosto branco, tentando entender as falas que saíam da sua boca. Há muito tempo eu tentava isso — entendê-lo. Não conseguia.

Puxo tudo para mim, ele desabafou. Segurei sua mão. Gosto de ser puxada para você, respondi.

Mais tarde, ele me acusou de colocá-lo em caixas que não lhe cabiam.

Amo você.

Foi tudo o que consegui responder.

VI

Quando comecei a estudar a memória, li muito sobre ela ser um limiar entre o ficcional e o que havia sido vivido. Sempre achei que esta era uma das habilidades mais bonitas do nosso corpo: a capacidade de criar uma lembrança que funciona como um passado confortável que poderia ter existido — deveria ter existido — e para o qual voltamos toda vez que nos sentimos emocionados. Voltar para lá, para o filme velho e cheio de momentos que não sei exatamente se experienciei ou se são uma projeção do que gostaria que tivesse sido uma parte da minha vida.

Penso sempre na primeira memória que tenho da minha mãe: eu devia ter por volta de quatro anos, estudava no que chamávamos de “pré”. Minhas memórias de lá são boas, acho.

Lembro-me de um Dia das Bruxas. Todas as crianças deveriam ir fantasiadas, era um dos dias mais esperados do ano. Eu não sei o porquê, mas não fui de fantasia. Muitas garotas bonitas estavam vestidas de princesas, fadas, heroínas. Os garotos estavam vestidos de piratas, policiais, personagens de filmes. Eu estava de tênis cinza. Cabelo preso. Calça jeans. Essa é uma das lembranças que eu gostaria que tivesse sido apagada do meu filme. Queria que ela tivesse sido substituída ou reconfigurada para uma realidade em que eu chegasse vestida de Moranguinho. Eu adorava os desenhos da Moranguinho. Só que eu estava de tênis cinza.

Algumas professoras me olharam com pena, e aquele era um olhar que eu conheceria por muitos anos depois: “Coitadinha, ela não se encaixa muito bem aqui”, ou “acho

que ela não entendeu como as coisas funcionam” e, o pior: “por que os pais dela não se atentam a isso?”

Tudo o que eu sei é que elas conseguiram uma saia de tutu que eu vesti por cima da calça jeans. Ali, me transformei em uma bailarina que calçava um tênis cinza. Foi um dia muito triste.

A primeira memória que eu tenho da minha mãe acontece nesse mesmo cenário. Eu estava ali, no pré, esperando ser chamada para ir embora. As professoras nos sentavam no pátio de cimento e nos distraíam com alguma música infantil. Batíamos palma e balançávamos as perninhas enquanto ouvíamos os nossos nomes sendo chamados. Quando chegou a minha vez, vi que a minha mãe tinha ido me buscar. Ela nunca ia, porque trabalhava o dia inteiro. O seu rosto aparece em minhas memórias de infância de forma espaçada. Não conheço muito bem a sua presença. Sou inundada pelas suas faltas, pela sua saudade, pelo seu vazio. E, naquele dia, ela estava lá: parecia uma Deusa.

Sempre me lembro dela da mesma forma: os cabelos cacheados longos, a pele preta retinta, o corpo longilíneo. A aura inalcançável. Achava-a linda, deslumbrante. Inteligente, elegante, assustadora. Ela estava lá, me buscando na creche. Fomos embora para casa de ônibus. Atravessamos as ruas de mãos dadas. Era um dia ensolarado. Eu nunca havia sido tão feliz.

Conversávamos sobre o meu dia, sobre os desenhos que havia feito, as músicas que aprendi, os lanches que comi. Chegamos em casa, tinha um cheiro de lavanda. A mesa estava posta, ela tinha cozinhado estrogonofe de frango. Comemos juntas, vimos desenho, eu adormeci nos seus braços.

Essa é uma das memórias mais belas que tenho dela, uma das mais alegres. Eu e minha mãe, juntas, almoçando estrogonofe de frango em um dia de sol, depois da creche. Eu amava a minha mãe. Amava quando a sua presença preenchia a minha rotina. Amava vê-la à luz do dia, quando estava acordada, quando estava me sentindo viva.

Eu estava radiante. Ela estava desempregada.

*

Anos depois, quando eu e ele começamos a nos relacionar, decidimos cozinhar estrogonofe de frango aos domingos. Era a nossa tradição. Domingo sempre tem cara de domingo, ele me dizia. Eu fingia concordar porque, para mim, os domingos passaram a existir depois dele. Eu me sentia feliz quando cozinávamos juntos, ouvíamos alguns vinis, dormíamos depois de encher a barriga de carne e coca-cola.

Quando ele foi embora, eu preparei um estrogonofe na cozinha do apartamento da minha amiga, cozinha que, futuramente, seria a minha. Não sabia exatamente quais panelas usar, onde ficavam os temperos, como se acendia a trempe. Depois de algum tempo, eu estava sentada à mesa, em frente a um jogo americano e um prato azul de porcelana, comendo sozinha. Era uma segunda-feira.

Almocei estrogonofe de frango quase todos os dias durante três meses.

Uma semana depois, enviei um e-mail para ele. Do outro lado da cidade, ele me respondeu de forma sucinta.

Nós nos encontramos no sábado à noite.

Juntos, almoçamos estrogonofe no domingo.

VII

Volto ao presente. Sinto a sua falta. Ultimamente, não tenho me sentido bem. Não consigo responder mensagens. Não consigo trabalhar. Comemoro o ato de me levantar da cama.

Minha cabeça dói todos os dias e me lembro que você reclamava constantemente de sentir a cabeça doer. Quando era criança, me acostumava com seus gritos vindos do quarto. Dor, muita dor. Dor que não passava.

Sinto também. Quando fecho os olhos, imagino que sofremos do mesmo mal. Somos muito parecidas aqui dentro. A psicóloga me pede para buscar um lugar de afeto. Sugere o meu pai. Me promete que vai ligar para ele? Prometo.

Ligo para você. Não sei por quê. Meus dedos buscam o seu nome na lista de contatos. Está salvo como “mamãe”. Nunca te chamei assim.

Você me responde com doçura. Estou com você, me diz. Amo você, reforça.

Me sinto um fracasso, mãe. Não consigo sentir nenhum apoio para os meus pés. Estou infeliz. Não sei o que fazer.

Estou com você, insiste mais uma vez. Vou te visitar. Quero te comprar um presente.

Sou acolhida. Tenho quase 30 anos e retorno aos seus braços como um bebê. Preciso muito do seu colo. Ouço a sua voz enquanto durmo. Sonho com o seu rosto. Quero vê-lo refletido no espelho.

É um longo caminho de volta até você.

VIII

Brigas no shopping center, luzes artificiais, discussões no carro, surras em casa. Você gritando, eu gritando, pessoas nos olhando como espectadores ansiosos pela tragédia final. Mais surras.

Telefonemas sem sentido, puxões de cabelo, roupas jogadas na rua, exposições dos medos. Sons guturais e traumas que nascem das entranhas. Uma data épica em nossas vidas, que eu não vou esquecer e não vou permitir que você esqueça.

Estou na rua, aos quinze anos de idade. Marcas pulsantes dos arranhões no meu pescoço. Uma senhora, no ponto de ônibus, pergunta o motivo do meu choro. Não consigo responder. Pergunto se posso deitar em seu colo. Ela permite. Fico ali por horas.

Fecho os olhos. Quero crescer. Prometo que, quando crescer, nunca mais olho para trás. Quando conquisto a sonhada liberdade, desejada há anos, não a quero mais. Eu pareço vazia.

Você não me procura. Eu peço para voltar, humilhada. Vencida.

Essa mesma cena se repete três anos depois.

Se repete constantemente na minha memória também.

Quando me separo pela última vez, você me pede para eu ir morar com você.

Nunca mais quero morar com você, admito.

Você guarda rancores demais. Por que não supera isso? Já faz tantos anos.

Porque ainda dói aqui dentro. Me questiono se ainda somos parecidas.

IX

Era o meu primeiro estrogonofe sem ele.
Não era domingo, era segunda.
A comida descia como faca pela minha garganta.
Eu precisava encarar. Era preciso.

Estava sozinha. Completamente.
Quis ligar para a minha mãe.
Ela estava com o seu homem.
O mesmo, há 18 anos.

Senti inveja.
Como ela conseguia ser amada
por tantos anos?
Por que eu não conseguia
nunca
me parecer com ela?

X

Você está me levando para a faculdade. É segunda-feira de manhã. O trânsito está engarrafado e você, de repente, tem a ideia de ligar o som. Nós duas sabemos que você odeia música, o barulho aguça a sua enxaqueca. Mas eu amo. Você mais do que ninguém sabe disso. Sou apaixonada por barulhos. Gosto de cantarolar. Adoro conhecer os álbuns dos meus artistas favoritos. Coleciono discos de vinil. Escuto sozinha, trancada no meu quarto. Quando criança, sonhava em ser uma popstar.

Você sabe disso. Então, liga o som. Toca a minha música favorita, *Dancing Queen*. Cantamos juntas. Você não sabe a letra, mas tenta improvisar. Ensaíamos uma coreografia. Você abre o vidro e se sente feliz. Eu me sinto feliz. O sinal fecha novamente. Decidimos gravar um vídeo daquele momento.

Estamos nos divertindo. Eu gosto de música. Você não, mas faz aquilo para mim, por mim.

XI

À medida que vou crescendo, me tornando uma mulher, menos me pareço com você. Esse assunto sempre nos incomoda e voltamos ao lugar vulnerável da infância, quando buscávamos traços em comum em frente ao espelho.

Aqui dentro, a gente é igual, você faz questão de lembrar sempre.

Mas, dentro da gente, quase ninguém vê. O que conseguem ver é que não tenho o seu cabelo, o formato do seu nariz, nem o seu corpo. Você, então, se esquece das próprias palavras e sente ódio das pessoas quando elas percebem a semelhança assustadora entre mim e meu pai. Parecemos a mesma pessoa: irmãos gêmeos. Eu era a prova do seu gozo, da sua entrega.

Então, você sangrava. Por fora, não por dentro. Fui eu que te carreguei por nove meses, você dizia. Te abriguei dentro do meu útero, vomitei por sua causa, te pari. Te pus no mundo. Você existe graças a mim. Você é minha.

Ser sua, para sempre, era a minha punição — ou dádiva — por ter te dado uma gravidez tão doída. A palavra vômito, ao sair da sua boca, soava como uma dupla ação: você queria ter me vomitado e, a cada vez que relembrava esse fato, projetava em si o efeito do desejo.

Eu falhava com você todos os dias. Havia nascido tarde demais e, ainda por cima, me parecia com outra pessoa. Ao longo da nossa vida juntas, precisávamos reforçar, na linguagem, o nosso vínculo. Por que nos amamos, afinal? Por que nos queremos tanto, nos afastamos e voltamos para os braços uma da outra sempre que estamos tristes,

sozinhas, com medo? Somos mãe e filha. Você é a minha mãe. Eu sou a sua filha. Eu sou sua.

Você não era minha. Quando o seu casamento ruiu, você não correu para os meus braços. Você fugiu. Lembro de abrir uma panela de carne que estava em cima do fogão havia mais de uma semana. Larvas brincavam, o cheiro era insuportável. Fiquei paralisada, observando os vermes se moverem lentamente, dançando, me convidando. Não sabia o que fazer. Joguei tudo fora, a panela, as larvas, a saudade sua. Você não voltava para casa havia muito tempo. A comida havia estragado. Eu estava com fome. Eu era uma criança. Rezei para os bichos não escalarem o lixo e voltarem para a nossa cozinha. Fiquei sozinha, não fazendo nada além de respirar. Esperei o seu retorno por dias, semanas.

Você estava sofrendo, não sabia estar só. Sentia uma dor pulsante. Tinha raiva de todo mundo. De mim. Do meu pai. Do seu casamento. Da sua origem, da cor da sua pele, da sua família. Do seu emprego. Dos remédios para emagrecer que lhe davam taquicardia. Dos homens idiotas que você conheceu após estar, finalmente, solteira. De ter que usar camisinha. De parecer atraente. De precisar e não saber usar maquiagem. De dizer que era separada e que, além de tudo, era mãe. De ser mulher. De estar abandonada. De não saber para onde ir.

Quando você voltou para casa, voltou com ele.

Você vai ter que aceitar, viu, minha filha? Escuta aqui, ele é meu homem, eu não vou ficar sozinha, não. Eu tenho o direito de ser amada, tenho o direito de ser feliz, de ter um homem que faça as coisas por mim. Olha só, já vou te avisando, se você me pedir para escolher, eu escolho ele.

Você está querendo que eu seja infeliz? Você já destruiu o meu corpo, o meu casamento, quer destruir a minha vida inteira? Você não tem esse direito, não. Não tem o direito de me dizer o que fazer, de olhar para mim com essa cara de julgamento. Você não pode me julgar. Eu não sei o que eu estou fazendo, mas ele parece um bom homem. Eu abriria mão de você por causa dele, porque ele me abraça à noite. Você é só uma garota malcriada e, além de tudo, é a cara do seu pai. Eu sinto raiva quando olho para você porque você me lembra ele. Essa sua risada, esse seu olhar metido. Ele fazia exatamente assim quando olhava para mim. Eu não suportava esse olhar, não vou tolerar isso de você também. Se você quiser, pode ir embora, vai morar com ele. Já te disse, se for para escolher, nunca vai ser você. Nunca.

XII

Não gosto que você me veja assim. Estou com vergonha, disse a minha mãe, enquanto lavava a calçada de um edifício nobre. Aquela frase, naquele momento, me pegou completamente desprevenida. Eu observava a água caindo no concreto, enquanto fantasiava possíveis quedas para os pingos, e mal conseguia observar o seu rosto tímido. Ela confessava algo para mim, debaixo daquele uniforme de doméstica, que ainda hoje busco entender: o sentimento de timidez, o desejo de se esconder dentro de si para que, naquele espaço profundo, eu não conseguisse vê-la. Pelo menos, não daquele jeito, não com aquela roupa, não naquela ação. Existindo, quem sabe, de uma outra forma — não daquela.

Aquela foi uma das poucas vezes em que eu busquei, conscientemente, a expressão do seu rosto. Antes que conseguisse decifrar aquela mulher enorme, belíssima, ela me puxou pela mão e me levou à cozinha. Começou, então, a exercer uma série de ações em sequência, rápidas, que se misturavam entre esfregar a bucha, ajeitar os panos das mesas e limpar a poeira atrás da porta. Olha, filha, aqui é onde eu lavo as coisas que me dão, tá vendo? Ali, naquele cantinho, fica o meu armário. Tudo muito simples, mas bastante limpo, viu? Eu sou muito limpa, muito organizada.

Limpa. Ela gostava muito dessa palavra e, principalmente, gostava de se sentir assim. Eu conseguia ouvir o salvar da sua boca ao se deparar com cheiro de água sanitária, amaciante, sabonete. Minha mãe gostava, acima de tudo, de limpar: a si mesma, aos outros, aos lugares. Tomava de cinco a seis banhos por dia. Lavava as mãos com muita

frequência. Esfregava todos os cantos da nossa casa. Areava as panelas como ninguém. Cuidava dos armários. Tirava as teias de aranha do teto. Prendia a minha cabeleira. Jogava fora os restos de comida que ficavam na pia. Limpa.

Gostava de limpar a nossa casa. Sentia vergonha de ter que fazer isso para os outros. Orgulhava-se do seu trabalho, é claro. Gostava de deixar tudo brilhando, de poder controlar a sujeira do mundo.

Odiava a sujeira das meninas ricas. As suas calcinhas de menstruação. Os seus banheiros podres. As suas arrogâncias. O dinheiro que possuíam. O carro que dirigiam. Os homens com quem trepavam. Os filhos que pariam. O amor que sabiam dar. A maternidade que podiam exercer.

Enquanto isso, eu observava seus movimentos, tentava pousar meu olhar na direção em que ela apontava, mas, a cada vez que busco a cena em minha memória, o ambiente se torna mais nebuloso. Não consigo enxergar absolutamente nada. É tudo sombrio, como numa caverna. Lembro, vagamente, de alguns mofos na parede, o cômodo escuro, o cheiro forte de detergente. Minha mãe gostava de detergente. Sinto que ela não gostava daquele. Esse cheiro é a única coisa que consigo identificar, após todos esses anos, com facilidade. Aquela foi a única vez que visitei a minha mãe no seu trabalho de doméstica.

A única vez, também, que ela admitiu para mim alguma fraqueza. Senti uma das piores sensações, a de não conseguir se esconder, de se esquivar sobre si mesma e de só se expor mais, como um homem nu diante de um público imaturo. Ela, tão inefável, constrangida pelo meu olhar, naquela época ainda tão pouco entendido do mundo. Eu

olhava para cima e via janelas enormes, e sentia, no fundo, uma beleza singular no sol que buscava as bochechas suadas da minha mãe. Ela se sentia cansada. Eu me sentia feliz por estar ali, com ela. Foi bonito vê-la assim.

XIII

No instante em que arremesso o copo contra a parede, volto os meus olhos para ele. Ele está assustado. Sinto que essa é uma qualidade minha que não consigo entender. Meu corpo é pequeno, magro, mas assusto as pessoas com facilidade. Ele volta-se para mim.

É a gota d'água, me diz.

Eu estava adoecida de amor. Queria que ele fizesse um filho em mim. Éramos parecidos fisicamente, as pessoas nos perguntavam se éramos irmãos.

Não éramos. Éramos amantes fervorosos.

Eu tinha tanta certeza do seu amor que quase conseguia tocá-lo. Às vezes, brincava com ele em meus sonhos. O amor dele parecia uma bola de sabão colorida. Era bonito, frágil e flutuava pelo tempo-espaço.

Um dia, enquanto tentava domar os demônios em mim, raspei meus cabelos. Encontrei novamente a garota assustada no salão de beleza, com o corte dois dedos abaixo das orelhas. Dessa vez, as orelhas estavam completamente nuas. Eu não tinha mais nada.

Fiquei terrivelmente assustada. Não conseguia me projetar na frente dos outros. O passado e as memórias se confundiam na minha cabeça e senti o gosto da loucura.

Numa tarde de terça, ele saiu de casa sem dizer aonde ia. Eu fiquei deitada na cama esperando o seu retorno. Sempre esperava o seu retorno.

Ele voltou com os cabelos raspados. O seu cabelo era lindo: cacheado, grande, sedoso. Parecido com o meu, antes do corte. Parecíamos mesmo irmãos.

Deitou-se na cama ao meu lado, enquanto eu admirava as lágrimas que corriam do seu rosto preto.

Amo você, ele me disse.

Eu consegui tocar a sua palavra. Sentia o seu amor genuíno. Uma bola de sabão colorida.

Este texto é, também, um pedido de desculpas. Por não ter percebido. Por não ter conseguido. Por ter deixado ir. Por ter feito ir.

Penso em você quase todos os dias. Minha vida se tornou um pouco mais cinza depois da sua partida, mas aprendi a olhar para isso de uma forma bonita. Talvez a gente se reencontre daqui a alguns anos, você me disse.

Quantos?

Cinco, você me respondeu. Acho que cinco anos é um tempo bom.

Passaram-se sete.

Gosto de não termos ficado juntos. Gosto da ideia de não te ter. Às vezes, imagino a gente se encontrando num bar, embora você não beba. Estou com um vestido preto, vejo você sentado distraidamente.

Senti a sua falta, assumo. Nos abraçamos. Nos despedimos como pessoas que se amaram muito, e que decidiram seguir caminhos diferentes.

Abandono a ideia do reencontro. Acolho a realidade.

Amo quem você é. Amo a sua profissão, e agradeço por ter me inspirado a decidir a minha. Amo a sua luta. Amo o seu corpo preto. Amo os seus dedos se escorrendo pelo violão.

Amo o cheiro do tempo que passou.

XIV

Tenho muito o que dizer. No que cabe, é pouco. Escolho as memórias e volto para esta.

É dezoito de setembro. Na televisão, toca uma versão atualizada de “Somos tão jovens”. Meu pai adora Legião Urbana e sorrio lembrando dele. Gosto dessa versão. Me causa dor.

Estamos sentados no sofá da nossa casa, pela última vez. Sinto todos os meus planos se despedaçando na minha frente. Quero te abraçar, insistir para que fique, mas não existe nada mais potente do que a ideia de ir embora.

Acolho a dor. Olho para o apartamento e vejo seus livros na estante. Encaro a parede preta da sala, os desenhos que fizemos nela. Nossos rostos. Nossos cabelos crespos. Deuses, foi o que uma amiga em comum escreveu certa vez.

Entro em desespero. Não sei como agir.

Decido fazer uma ligação. Curta e pontual. Falo o mínimo possível. Sinto que digo as palavras necessárias.

Vinte minutos depois, ela me retorna. Está me esperando no carro. A música ainda toca na minha cabeça. Temos todo o tempo do mundo. Somos tão jovens.

Deço as escadas. Quero olhar para trás. Não consigo. É o início de longos dias de sofrimento. Ainda estou no primeiro.

*

Entro no carro. Choro copiosamente. Tento me refazer. Não consigo. Estou vulnerável na sua frente. Me lembro

de quando você se sentiu assim comigo, eu achei você tão bonita. O que será que você está pensando de mim?

Não sabia para quem ligar, falo por fim.

Não se preocupe. Estamos juntas.

Obrigada, mãe, sussurro.

Você dirige em silêncio durante o longo caminho de volta.

De volta para onde?

**malu
grossi
maia**

leve o
violão

Sou feita de você
Bernadette Mayer

*para meus irmãos Lucca e Davi,
por tudo que escutamos juntos
e, como escreveu Tove Ditlevsen,
pelo que nunca será dito*

menor

Am
Lá menor

quando eu tinha oito anos
eu e meus irmãos perdemos nosso violão
ele não quebrou nem nada
só foi para outra cidade
o que nos impedia de tocá-lo
depois descobri que já tínhamos perdido ele antes

quando eu tinha quatro anos
eu e meus irmãos perdemos nosso violão
ele não quebrou nem nada
só foi para outra cidade
o que nos impedia de tocá-lo
não me lembro como foi

quando eu nasci
o violão tocou uma música
que tinha sido feita para mim

Fº

Fá diminuto

mamãe ficou triste
por não termos mais violão
por ela ele tinha que ir
mas não precisava se afastar de nós também
ela não queria ouvir mais

mamãe queria que tivéssemos
todo tipo de instrumento
de soprar de raspar de bater de falar
por ela
não nos faltava nada

mamãe tentou nos arranjar
outros instrumentos
já não nos interessava depois
que você entende o que é

perder
um violão

perde a vontade
de ganhar outro nenhum
pode ser igual ao seu no nosso
caso ele nem se perdeu
estava mesmo longe

Cm
Dó menor

Mamãe não toca nenhum instrumento, nem sabe cantar. Nesse sentido é o oposto de um violão. Ela se perde no tempo, tenta dilatá-lo no gogó, sem alcançar a canção. O ritmo dela é outro. Antes de se tornar mamãe, ela desenhava. Ela sempre adorou ouvir música. Quando ouviu o violão pela primeira vez, não queria parar de escutar. Ele cantava, ela desenhava. Desse concerto nasceram três filhos. Guardaram desenho e música. Crianças têm um ritmo difícil de acompanhar. As crianças dançam até sem música e desenhavam até sem pastel. Gostam mesmo é quando são levadas ao parque. Na gangorra, mamãe se colocava de um lado, e do outro, punha o violão. Ela carregava mais peso, ficava para baixo. O violão era leve leve era o violão. As crianças, no meio, escorregavam ora para um, ora para o outro, mas retornavam à mãe. Equilibrar-se era complicado a ponto de a brincadeira precisar acabar.

Fm
Fá menor

Só tínhamos contato com o violão nas férias. Com meu rosto colado na janela do ônibus, no caminho para a cidade do violão, vejo a lua. Gosto de brincar que ela me segue, e ainda que eu me esconda ela está me buscando. Por vezes, ela também se esconde, e eu sei que ela está ali. Há poucos dias sem lua, há vários dias sem violão. Busco por ele nessa viagem, espero que seja fácil encontrar, pelo menos dessa vez. Se não, vou pedir à Lua que me adote.

Bº

Si diminuto

Não via a hora de finalmente perder tempo com ele. Meus dedos já macios de novo pela falta de prática. Nem sabia o que tocar, e ainda teria que dividi-lo com meus dois irmãos. Elaborava um plano, ele devia estar oxidado, primeiro mostrar que estava com saudades, depois limpá-lo. Quando as cordas estivessem soando na nota correta eu cantaria uma canção, era a minha chance ainda desajeitada. Então passaria para meu irmão mais novo. Ansiosos e cansados do longo caminho até ele, vimos: não estava largado num canto, nenhum grão de pó. As cordas de nylon tinham sido trocadas pelas de aço e ele brilhava ilustre. Foi quando percebi que ele não precisava de nós, não como nós precisávamos dele. Ele tinha shows marcados e quase nunca tinha tempo. Ainda bem que eu tinha a minha mãe, no telefone eu contava da casa da avó, dos primos e dos casadinhos de doce de leite. Do violão eu não falava, não queria que ela se preocupasse, mas não via a hora de voltar para casa. Nossa casa era onde nossa mãe morava. Ela ficava com a gente nos dias letivos.

F#m

Fá sustenido menor

Frequentemente os adultos se esquecem de que as crianças estão na sala e esquecem de se comunicar em códigos. “Acha que eles ouviram?” “Não, não ouviram, estão concentrados brincando.” Adorava ouvir a conversa alheia. Eram sempre duas versões da história. O violão, para alguns, era de qualidade. Para outros, violão era um vilão. O mais curioso é que os adultos sabiam tudo de antemão, mas não a ponto de impedir que acontecesse. Ou a minha mãe não soube segurá-lo direito, ou ela fez bem em se desfazer daquele capotraste. A minha mãe, em um dia turbulento, dizia que ele era péssimo. Em um dia tranquilo, dizia que era bom violão porque era o que eu tinha. Estando longe não sabia se era tinha ou tenho. Também achava que ele era bom, estando longe não sei se era acho ou achava. Devia ser bom mesmo, eu não me lembrava mais. Ele foi parar na mão de outras crianças, que se lembram até hoje como ele é bom. Então era ruim. Se fosse um violão ruim eu não ia querer, ia achar bom que estivesse longe. Agora só as outras crianças conhecem a versão de fábrica. Esse violão tão bom foi tocar noutra banda, então era ruim.

F#m9/E

Fá susenido menor com nona e baixo em Mi

as minhas amigas que tinham violão podiam
tocá-lo quando quisessem

quando íamos em festas de aniversário
que a minha mãe nunca queria ir
o violão delas ficava esperando no carro
na porta da escola
na porta do clube
na calçada

a gente não tinha carro nem violão nem quota

elas estavam tão diariamente com eles
que até sentiam raiva
sentiam amor
sentiam seu bafo matinal

elas solfejavam dó, mi, sol, mi, dó
podiam reclamar:
não aguento mais aquele violão
não ligue para o som que meu violão faz
ele é assim mesmo
não sei o que faria sem meu violão

já eu tinha que aprender o que fazer sem o meu
com as mãos desocupadas
dos braços de um violão

se o seu violão está longe
suas mãos estão livres
sua mãe não

F#m7(b9)

Fá sustenido menor com sétima e nona bemol

nunca nem ter tido violão
nem saber o paradeiro dele
não entra nos registros

do que você está reclamando?

- saiu para comprar cigarros
- saiu para comprar leite
- saiu para servir no exército
- saiu para a prisão

você preferiria que fosse assim?

- não se dar bem com violão
- não poder nem encostar
- ter de ficar em silêncio diante dele
- ter marcas dele no seu corpo
- amar seu violão
- chamá-lo de amigo

era isso que você queria?

pelo menos:
tem a mãe
tem a mãe só para você
tem solo de outro instrumento

você está escutando?

Bm7M

Si menor com sétima maior

Nós quatro, em bando, nos reuníamos na sala para assistir a filmes e beber café com leite. Trazíamos cobertor e só não nos agarrávamos mais porque minha mãe tinha gastura de gente grudada nela. Quando o aparelho de DVD em sua quinta parcela da prestação começava a girar o disco, por um momento a gente esquecia do violão. Éramos completos, não faltava ninguém. Quando se perde algo, a história recomeça a partir desse ponto então é uma dívida; é vingança; é reencontro. A ponto de não percebermos mais o que tínhamos ganhado em troca. Quando o filme acabava, voltávamos às nossas demandas. Mamãe tentava ser completa, irmão mais velho tentava ser pai, eu tentava ser a mãe e irmão mais novo tentava ser um violão. Agora cada um foi para um canto.

Em7

Mi menor com sétima

mamãe olhava no espelho e pensava:
sou uma mãe de três filhos sem um violão
e se desesperava

mamãe olhava no espelho e pensava:
sou uma mãe de três filhos sem um violão
e se acalmava

mamãe comprou um som a prestações
CDs de 9,99 nas lojas americanas
acústicos mtv, legião urbana, caetano e gil

quando mamãe não estava trabalhando
estávamos ouvindo música juntos
estávamos ouvindo
estávamos juntos

Eº7M

Mi diminuto com sétima maior

Não ser cantora não deixava mamãe para trás com as palavras. Não me lembro exatamente quantos anos eu tinha quando ela me disse que eu era ir-res-pon-sá-vel. Entre sete e nove. Idade em que ela dizia que o ca-rá-ter já havia se formado, bom ou mau. Com essas duas palavras novas, eu atravessava a única avenida da cidade para chegar à escola. Antes de me tornar irresponsável e perder o caráter, tinha o violão nas minhas costas para me acompanhar. Caminho sem o peso do violão e com o peso dessas palavras. Estou com medo de que seja tarde demais. Não consigo me lembrar o que foi que fiz. Ou o que deveria ter feito. Sou uma criança. As crianças são o reflexo dos adultos, dizem. Quando falava desse jeito, mamãe estava vendo o violão em nosso rosto? Ou a si mesma? Ela tinha mais caráter que nós todos juntos? Chego sozinha na escola. Tentarei ser mais responsável daqui para frente, mamãe. Prometo.

maior

G7(b9)

Sol maior com sétima e nona bemol

Sinto um descompasso, uma dúvida entre quem sou e quem aparento ser. Minha mãe disse que tem medo de que me torne como ele, de que não tenha nada dela, nada além da alergia a poeira. Eu não consigo ver algo bom nele, o que contamina metade de mim. Minha mãe tem tristeza e sinusite crônicas, o que compromete a outra metade. Muitos parentes esperam que eu cante como ele, uma expressão comum, como a minha bronquite, que durou exatamente até os meus oito anos, assim como o violão dentro de casa. Todos dizem que precisamos aprender a perdoar e eu nem sei dizer o que preciso perdoar. O entre é um lugar muito perigoso.

CAum

Dó aumentado

Do sexto andar, vejo luzes ainda acesas dos prédios. Antes de dormir, observo as janelas e conto quantos apartamentos devem ter um violão. Quantos violões uma casa pode ter. Imagino se o número de violões varia de bairro a bairro, cidade a cidade, país a país. Depois, com os olhos em fúria, traço planos impossíveis para invadir as casas e tirar o violão de cada uma delas. Cordas e ventosas para escalar os vidros, identidades falsas para passar nas portarias, meticulosamente remover os violões com as cases. Até não sobrar mais nenhum.

A7(b9)

Lá maior com sétima e nona bemol

vai ver o problema era
com minha caixa torácica
não aguentava apertar-se contra as costas do violão

vai ver era
com minha coluna
que se curvava sem necessidade

vai ver o problema
era com meus dedos
sem capacidade muscular para alcançar as casas

pegavam mal
por um acorde a gente se desmonta
tinha que compensar a falta com esforço

mamãe dizia que vínhamos de uma linhagem de
dedos podres

foi assim com a mãe dela
foi assim com ela
eu era a próxima
a esperança de quebrar o ciclo

*ma-mãe-man-dou-eu-es-co-lher-es-se-da-qui-mas-co-
-meu-sou-mui-to-tei-mos-eu-es-co-lhi-esse-da*

D7(b13)

Ré maior com sétima e décima terceira bemol

não odeio violão
não amo violão
não perdoei violão
não culpo violão

de longe é difícil de ouvir

vou lhe compor
um pagode

odeio mãe amo
perdoei mãe não
culpo mãe culpo

de perto é ensurdecador

vou lhe compor
uma ópera

C#7(13)

Dó sustenido maior com sétima e décima terceira

de quem seria a culpa?

do próprio violão
que simplesmente trocou de banda
da mãe que não soube escolher
uma marca que permaneça
dos filhos que não souberam
pedir para manter o violão
de ninguém

F#7(13)

Fá sustenido maior com sétima e décima terceira

Meus irmãos, minha mãe e eu trocamos gostos musicais, o mais velho é fascinado pelo Bob Dylan, o mais novo pelos Beatles, minha mãe pelos Titãs. Dos cantores pelos quais ela tem antipatia, não podemos ouvir nenhum. O que me faz me interessar por eles, secretamente. Tenho dificuldade em escolher um só, para admirar ou detestar. Meu encantamento transita, atendendo ao meu humor ou pela emoção que quero sentir no momento. Gosto de observá-los escutando seus ídolos. Eles até leem as biografias. Penso que é melhor não se apegar a ninguém.

B(6m)

Si maior com sexta menor

Minha mãe diz o tempo todo o que a gente deveria fazer e o que ela deveria ter feito. A imagem final é sempre um violão atrás das grades. Ela diz que a gente não faz nada sobre isso. Que deveríamos brigar, exigí-lo de volta. Ele continua solto. As mães ensinam mais no que não fazem do que no que dizem.

E7M

Mi maior com sétima maior

é mais fácil acreditar em mentiras
quando elas estão numa canção

é mais fácil prometer
pelo telefone

os ratos hipnotizados pela melodia
da flauta de hamelin

saíram pelos portões da cidade
para nunca mais voltar

da boca da mãe
a verdade sempre dói

F#7(#11)

Fá susenido com sétima e décima primeira aumentada

Em datas comemorativas, é nisto que penso: Cordas arreventadas, violões partidos, sem braços. Arremesso de violões, pisoteio de violões, derretimento de palhetas, machadadas acústicas, queima de estoque da loja Serenata. Cupins. Também penso em performar brilhantemente em grandes concertos: Folk, Axé, Baião, Heavy Metal, Pagode, Jazz, Funk, Punk, Rock, Samba, Pop. Ensaio no chuveiro. É sempre um belíssimo solo. Meu violão está aparentemente intacto a quatrocentos e vinte e quatro vírgula oito quilômetros daqui.

C#7/G

Dó sustenido maior com sétima e baixo em sol

Não quero mais tocar em nada. Touché, bandeira branca, xeque-mate, eu me rendo. Estou cansada de beliscar os azulejos da cozinha. Não terei um violão e pronto. De tanto ficar sozinha aprendi a cozinhar a minha própria comida. Não vou viver de sobras. Nenhum outro instrumento, executar música não é para mim. O que me resta então? Pego um caderno de receitas com algumas páginas em branco. Escrevo uma partida em fogo brando.

G(6,9)

Sol maior com sexta e nona

Mamãe está solteira novamente. Depois de terminar catorze anos de casamento e mais sete de outro namoro, está livre. Brincamos que ela em algum momento da vida deve ter quebrado três espelhos. Acaba de encerrar os seus vinte e um anos de azar.

F(4,7M,7m)

Fá maior com quarta e sétima maior e menor

A avó desquitada e a mãe divorciada advertem: Não se apaixone por músicos. Nem pelo vocalista. Nem pelos professores de história, muito menos pelos dentistas. Não se envolva com vendedores, contadores ou jogadores. Advogados, nem pensar. Nem trocadores, nem motoristas de ônibus, não seja Maria Roleta. Evite encontros, SMS, e-mails e/ou outras formas de contato. O garoto mais popular da escola não te ama, ele quer levar o seu lanche. O cara do piercing transversal só vai te ver de novo quando você precisar de urgência otorrinolaringológica, ele é o recepcionista e não vai mais se interessar pelo seu desvio de septo. Nós celebramos, minha filha, cada um dos livramentos, a separação é a salvação da humanidade.

C/E

Dó maior com baixo em Mi

Aprendo alguns acordes no violão. Dó, Sol, Lá, Mi, Ré maiores. Mi, Lá menores. Só gosto de tocar e cantar ao mesmo tempo quando estou sozinha. Se alguém me observa, mesmo que sejam meus irmãos ou minha mãe, erro tudo e a voz falha. Uma vez eles me viram tocando sem eu saber que estavam presentes e gostaram. Mas parente não vale. Quando quero mostrar algo que escrevi para minha mãe, digo que foi outra pessoa que escreveu, só depois que ela lê tudo e gosta muito eu conto que fui eu. Enquanto a vejo me lendo, penso no violão, tão distante, fico contente que mãe não seja um instrumento e que eu possa tocá-la com palavras. Quem perdeu não fui eu.

C

Dó Maior

disseram que a minha distância do violão
poderia atrapalhar a tocar outros instrumentos

conheci um acordeon
apertava as teclas aleatoriamente
era puxado demais abri-lo
quando ele finalmente soprou
eu tive que partir

música não era mesmo a minha praia
eu tentei

sentei no piano, pus a boca no clarinete,
[a mão no pandeiro
saxofone, triângulo, flauta transversal, caixa, apito

todos faziam como fazia o violão
ou então o violão era eu
ia tocar em outra banda

até que conheci a bateria
tambor à primeira vista

ela me deixava praticar
errar não era problema
até que não soava mal

fomos tocando a vida
assim compusemos
uma filha única

D/F#

Ré com baixo em Fá sustenido

A barriga é reveladora. Não há maneira de disfarçar uma gravidez em público. Parece que carrego uma melancia que anuncia: **TRANSEI DESPROTEGIDA!** ou: **UM PALPITE A QUALQUER HORA!** e ainda: **TOUCH HERE.** Todo mundo pergunta quem é o pai. No início, respondia calmamente que acabáramos de nos conhecer e estávamos resolvendo juntos a situação. À medida que a barriga crescia e o umbigo estufava e descobria que ninguém se importava de verdade, passei a ter prazer literário nas versões. Quem é o pai? Está preso por ter incendiado uma fábrica. Quem é o pai? Ainda não sei, estava na dúvida entre sete candidatos, mas um com certeza foi anal. Então seis. Quem é o pai? A empresa de doação de esperma não revela a identidade de seus punheteiros. Para o pai nunca perguntavam nada.

DAum/F#

Ré aumentado com baixo em Fá sustenido

Ele não foi embora ainda, mesmo eu tendo dispensado o serviço. Fica ali, sem fazer nenhuma promessa, mas organizando tudo. Ele gosta de viajar. Talvez ele se vá quando ela fizer quatro anos. Ou quando ela fizer oito. Creio que vou permanecer. A não ser que ele a leve. Sim, seria uma opção. Não saberia como proceder nesse caso. Talvez ele fique por vinte e um anos. Não saberia como proceder nesse caso. Ensaio o que dizer a ela quando ele se for. Não quero tirar conclusões por ela, nem repetir o quanto ele é um cara mau e ela é a cara dele. Vou dizer a ela: Vocês conviveram até os seus quatro anos, depois esse hiato, pode ser que vocês voltem a conviver em algum outro momento. Quem sabe vocês vão passar doze anos morando juntos na Nova Zelândia? Vai ser legal. Conheço poucos lugares no mundo, quando chegar a hora em que alguém responsável possa partir, vou.

G7(#11)

Sol maior com sétima e décima primeira aumentada

eu não estou sozinha com uma criança
mesmo que eu precise ficar uns dias sozinha com
[uma criança
mesmo que eu deteste estar sozinha vinte e quatro
[horas com uma criança
eu não cuido dela sozinha
mesmo que eu não tenha uma aldeia inteira que
cuide dela comigo eu não estou sozinha
com a minha criança
mesmo que eu me sinta afastada
[de tudo e incompreendida
por quem me acompanha eu não estou
sozinha com a minha criança
isso não é um prêmio isso não é consequência
das minhas atitudes isso não é do meu feitio
isso não diz nada de mim
mesmo que eu passe quatro meses seguidos cuidando
[dela a maior parte do tempo
mesmo que só eu possa amamentá-la há quanto
[tempo já
mesmo assim eu lamento muito mamãe
eu lamento muito por tudo que você teve que passar
um acorde sozinho não faz função

A(6M,9M)

Lá maior com sexta maior e nona maior

Quando presente, violão é um excelente avô. Canções de ninar, de despertar, de comer, de brincar. Dá vontade de alugá-lo. Os postes estão cheios de anúncios de marido de aluguel, que consertam as coisas de casa que estão quebradas. Nós trabalhamos em cima da ausência. Quando não encontramos nada para substituir o vazio, inventamos. Supomos que nenhuma mulher vai dar conta sozinha, que trocar um chuveiro é algo que requer chave de fenda, alicate, veda-rosca e um pênis. Não aprendi a consertar coisas, jamais poderia trabalhar como Marido de Aluguel. Mas choro a falta como ninguém. Posso me candidatar a Viúva de Aluguel.

D

Ré Maior

Agora, quando encontro o violão, percebo que desaprendi a tocar. Não é como andar de bicicleta, tocar um instrumento exige muita prática. Tento arranhar os seis acordes que sabia e machuco a ponta dos dedos, custo a me lembrar onde minha mão deve se posicionar. Não me culpo. Sinal de que estou desapegando de uma antiga cadência. Canto muito para a minha filha, que é uma pequena compositora. Ela faz música diariamente. Ontem, no café da manhã, ela pediu que eu filmasse sua última canção, que dizia:

*Eu não tenho escolha ah ah
Sem pegar o jeito ô*

Ela cantarola o que se passa comigo. Aceitar que não preciso escolher um lado. Compreender através da própria experiência. Acho que estou pegando o jeito. Minha mãe diz que nós três somos a única coisa que ela fez na vida da qual não se arrepende. Rimos juntas de tudo que não escolhemos. Pode ser que algum dia eu retome o hábito de tocar, que aprenda de novo os acordes e recorde. Quando nos separarmos novamente, será como andar de bicicleta, tendo aprendido uma vez, saberei o que fazer.

**marina
apolinario**

mulher
imperfeita

Saudades é pedra dura que dói.
Maria de Lourdes

*Para Zé Galo, nosso amor dividido
que partiu no dia de São Jorge*

Vovó Lourdes

Lembro dos cadernos pela casa com três coisas que ela sempre manteve: telefones úteis, cartas para Deus e contas. Eu passava a limpo os telefones da agenda, via o milagre das contas nas dez mil construções e reformas e lia disfarçada as cartas que eram quase uma fofoca de família para Deus, todas assinadas assim: “Maria de Lourdes, a mulher imperfeita”.

Vovó Lourdes já foi muita coisa sendo mãe, foi quando descobri isso que comecei a escrever sobre ela. Era doceira, só que agora tem diabetes. Teve a maior horta de verduras da cidade e vendia couves gigantes com meus tios. Costurou nossas roupas, foi servente de pedreira de todas as versões da nossa casa. Me ensinou a fazer comida com o ingrediente que tem, não com o que deveria ter, e deu a isso o nome de adultério. Criou sete filhos junto do meu avô Zé Galo. Fez três casas verdes com empréstimos e salário mínimo. Foi casada por quase sessenta anos. Não foi muito à escola, mas é autora. Escreve diários e cartas para Deus desde que entendeu que sente. Faz sabão com

receitas do tik tok e dorme ouvindo música gospel dos anos 1960. Imagina como é a vida real das atrizes e vê novela todo dia. É cúmplice de cada uma das oito netas. É a segunda mais velha de seis irmãs. Sabe embainhar vestidos e matar porco desde os sete anos. Nasceu em Taquaraçu, criou os filhos em Santa Luzia e agora passa a maior parte do tempo em Pinhões, revezando entre o fogão a lenha e mergulhos na piscina.

A beirada da máquina de costura de vovó sempre foi nosso cenário, onde eu ouvia histórias sobre ela e os porcos, as irmãs, as surras, a horta e as panelas de arroz queimadas e escondidas nas manilhas do poço.

Eu sabia das suas luas que viravam, chamavam assim seus picos de bipolaridade. Sabia que era a mãe rígida da minha mãe, que ela expulsou a filha de casa aos dezesseis anos e que era a nega de vovô Zé. Sabia que ela sonhava de noite e que ele realizava de dia.

Eu sabia pouco do desejo dela e da história não contada que borbulhava entre os silêncios da casa, e que corria em suas cartas. Descobri que, mesmo sendo tudo o que era, ela ainda era mulher.

Eu

Aprendi a costurar cadernos aos dezesseis anos, passei dezembro inteiro afiando folhas para dar de presente. Separei o mais bonito para ela. Ele tinha um tecido de flores roxas, capa dura, papel pólen e costura dupla. Escrevi na primeira página uma dedicatória que dizia assim: “Olhando pra você me vejo, como é precioso poder me reconhecer

em você”. Tinha lido a frase na internet. Vovó dizia que eu era letrada e achei que seria um bom presente.

No ano seguinte, adoço, começo a ter picos de depressão e crises de síndrome do pânico. Perco o rumo e o controle do corpo, passo dias no quarto e mergulho em tarjas preta. Ela olha para minha mãe, comenta sobre meu cabelo raspado depois de uma crise e diz que preciso parar de buscar Dona Lourdes em mim. Fala sobre o caderno, a dedicatória e o medo de eu ser a próxima mulher imperfeita.

Eu sou neta dela, nasci em Santa Luzia, na casa ao lado, filha caçula de nove irmãos. Filha da filha mais velha de Maria de Lourdes. Moro em outra cidade com dois gatos e cinco galinhas. Me tornei a professora da família, passo o dia de olhos arregalados para a maternidade, cuidando de crianças de três anos. Conto histórias para elas dormirem, que nem meu avô. Não uso sutiã todo dia, e essa é a maior decepção que causei à minha avó. Escrevo diariamente meu nome e o nome da periferia onde nasci, tenho medo de um dia bater a cabeça, ter um apagão de memória e esquecer de onde vim.

Me apaixono por meninos e meninas, minha mãe diz que depende da lua — saí fugida de casa por esse motivo. Trabalhei numa cadeia, numa escola e numa igreja. Vou ao posto de saúde do bairro mesmo quando não preciso de uma consulta e às reuniões dos Alcoólatras Anônimos para ouvir histórias de gente desconhecida. Pulo carnaval no verão e vou aos cultos de uma igreja evangélica todo domingo de manhã. Quando era adolescente, achava que era feminismo não aprender a cozinhar, não saber embainhar pano de prato, não saber fazer sabão. Gostei de terra e panela depois de grande. Gastava meu frenesi nas

mãos escrevendo cartas dramáticas para minha mãe e textos de término para as minhas amigas enviarem aos namorados. Aprendi a contar caso com meu avô e a colocar palavras escritas lendo cadernos de rascunho de vó. Ela foi a primeira a me ler e levar a sério qualquer vírgula que eu escrevesse. E eu escrevo, desde a adolescência, para minha avó e sobre minha avó.

Me curei da depressão no momento em que descobriram minha sexualidade. Fiquei sem casa e voltei para a barra da máquina de costura dela. Nessa cena, apareço com as poucas roupas que consegui pegar, segurando o choro, sem coragem de dizer por que fui parar ali. Tento inventar uma história qualquer que justifique a briga com meu pai e que não implique admitir para minha avó de setenta e poucos anos a verdadeira razão: eu me apaixonei por outra mulher e fui descoberta.

Ela abre a porta junto do meu avô, pula ansiosa o degrau do seu chão de ardósia, me coloca entre seus peitos, me aperta como se eu ainda fosse pequena, me olha como quem sente alívio e diz: “Minha filha saiu do armário, finalmente!”

Coloca palavras onde eu não conseguia, encara o assunto que provavelmente já corria na mesa do almoço de domingo e nas ligações telefônicas entre meus tios. Meu avô ri, me pega pela mão e me leva para o quarto do fundo, diz que agora eu tenho casa e que aquele é meu canto.

Nós duas

Eu passava os dias na casa de vovó, fazendo receitas para diabéticos e limpando a poeira das gretas em que o dedo grosso dela não entrava. Não tinha emprego e estava de

férias, não podia voltar para casa. Assistia a novelas com meu avô e ouvia as novelas dela.

Toda tarde, tínhamos um ritual na beirada da máquina: ela costurava os tecidos e eu desfiava o pano de fundo da história da minha família. Numa dessas, enquanto ela segurava uma agulha na boca, disse que me contaria a história que ninguém gosta que ela conte, que por causa dessa história ela tinha enlouquecido, feito muita gente chorar e enterrado o pai sem ser perdoada. Se aproximou, sussurrando para que ninguém escutasse, chorou e riu como ela faz, me olhou por cima dos óculos e disse que agora era a vez de ela sair do armário. Abriu a boca e começou, aos poucos, a me contar do amor proibido que eu lia nas cartas. A história que tanto assombrava os Apolinários era a de um amor que ela teve na adolescência. Um amor à brasileira dos anos 1960, um em que minha avó branca se apaixonou por um homem negro numa fazenda em Taquaraçu, no interior de Minas. Um amor que ao longo dos anos alimentou seu delírio, as dores do meu avô e as revoltas da minha mãe. Lourdes sempre tem uma frase para terminar uma história, alguma coisa que ela elabora ali e diz como quem ensina, faz parte da sua postura de matriarca. Era quase hora de o meu avô chegar da roça, e ela fechou a máquina com a pressa de quem precisa fechar uma mala que abriu bem na hora do ônibus sair, enxugou os olhos e me contou que no “e se” tem dor. Não dá para viver pensando como teria sido.

Terminei aquela noite comendo o angu com repolho que a vó fazia de janta para o vovô todo dia, e assistindo à novela sem ver direito o que passava na televisão. Eu não sabia quase nada do que a vida podia ser.

Saí cedo no dia seguinte, comprei catálogos telefônicos e comecei a investigar por onde andaria o amor proibido. Eu já tinha sido pesquisadora, sabia fazer buscas e mentir por telefone. Anotei o nome que minha avó tinha mencionado e a cidade de onde vieram as últimas notícias que ela tinha recebido. Risquei linha por linha e liguei para todos os Sebastiãos. As perguntas eram sempre as mesmas: se aquela pessoa existia na casa, se tinha filhos, que idade tinha. Quando me apertavam, eu dizia que trabalhava para a prefeitura, que estava fazendo uma pesquisa. Em alguma ligação, alguém disse algo sobre o Sebastião da terraplanagem. Mudei a rota da investigação e numa quarta-feira de tarde, depois da novela, consegui o número do telefone, nome completo e local de trabalho. Contei para vovó e criamos um plano; ela não queria ligar e dizer quem era. Não queria ir contra a igreja, nem sujar a honra do meu avô, nem procurar um amor que talvez não a amasse mais.

Combinamos assim: ligaríamos para ele toda quarta-feira; eu fingiria ser uma pesquisadora da prefeitura sobre melhoria de vida da terceira idade. Faríamos um roteiro e assuntaríamos tudo o que fosse necessário.

Passamos três semanas esperando as três da tarde das quartas. Sentávamos no sofá verde, eu segurava o riso e o frenesi de quem aprontava um crime e cozinhava Sebastião em perguntas, descobrindo como a vida dele tinha passado. Eu no celular fingindo uma voz limpa de entrevistadora e ela do meu lado, em silêncio, ouvindo tudo pelo viva-voz.

Na quarta semana, Sebastião já me atendia com intimidade, me convidava pra ir almoçar em sua casa e conhecer os netos da minha idade. Me contou do trabalho na roça, do casamento passado, da separação, de cada um dos filhos

e da vida que levava. Perguntei sobre o amor na terceira idade. Ele riu, ficou em silêncio e disse que amor a essa altura já não existia, mas que ele teve um amor na vida. Perguntei se tinha sido a esposa, ele disse que não, que o amor dele era da adolescência, que não pôde se casar com ela porque ela era branca, que não tinha notícias, mas sabia que ela tinha família. Olhei para vovó, outro silêncio na ligação, soltei um riso simpático e perguntei se ele me contava o nome de quem ele amou. Falou com voz firme que fazia anos que não falava sobre isso, mas que achou bom lembrar da história de quando amou a Lourdes.

Vovó me olhava com olhos marejados de quem não acreditava no que tinha ouvido. Perdi a postura da mentira e contei a ele que não existia pesquisa, assumi minha identidade de neta da minha avó. Passei o telefone para ela e saí da sala.

Esta história não começa nessa ligação, nem termina. Aqui começa a minha história com a mulher imperfeita, que antes era só a minha avó. Este ensaio é sobre minha avó, sobre a história proibida dela e sobre nosso amor.

Primeira fuga

Aos sete anos

Eu ouvi as histórias de menina da minha vó tantas vezes que hoje tenho lembrança das roupas, dos trejeitos e, em algumas, até dos cheiros. Eu me lembro de uma história que ela me contou quando eu ainda era criança. Minha bisavó ainda era viva e quando íamos visitá-la eu a encarava pensando naquele dia.

Nossa família sempre teve essas coisas de, por insatisfação de um, virar a cara para o outro e parar de frequentar a casa. Ainda hoje é assim. Às vezes, por uma palavra torta que atravessa, as pessoas ficam anos sem se falar. Nesse tempo a gente já tinha disso.

Vovó tinha sete anos, pouca coisa mais do que os alunos que ainda dormem no meu colo. Por modo de alguma conversa atravessada ou disputa de terra de família, minha bisavó não conversava com a comadre da cerca ao lado, que havia acabado de parir. Dividiam cerca sem falar bom dia. Vó diz que naquele tempo as pessoas eram mais carrancudas, e conversar ou dizer o que se sentia não era forma de resolver problema. Mas ela era criança e queria conhecer outra criança recém-chegada ao mundo sem ter de atinar para os silêncios da cerca. Correu para o quintal para brincar, se enfiou no chiqueiro dos porcos como quem ia ver um deles e rapidamente pulou para o outro lado.

Passou o dia embalando o bebê, sentindo o cheiro de suor de fruta doce das dobras dos braços e da moleira do recém-nascido, sentindo esse encanto que é quando se vê um outro de nós ainda tão pequeno, tão cru neste mundo, precisando do olhar de quem já estava por aqui. Entendeu que o tempo tinha passado e já era hora de voltar antes de o pai chegar da roça. Correu entre os quintais e atravessou o limite entre as fazendas, agarrando fio de roupa na cerca e raspando as pernas na pressa. Chegou a tempo. Sem olhar para trás, disse que estava na roça, brincando no mato e no rio, e esqueceu do cheiro de lavanda que havia se impregnado no lugar do cheiro de suor de quem estaria correndo.

Seu pai chegou minutos depois, com expressão fechada, suado como quem havia passado o dia na roça, entre bois e

mato, debaixo do sol. Perguntou quem tinha passado pelo chiqueiro dos porcos. Vovó arregalou os olhos, mas não disse nada. Bisa a apertou e disse que quem passa o dia no quintal não chega com cheiro de recém-nascido em casa.

O porco de engorda, o que só se mata em dezembro para tirar as carnes para as festas, havia enganchado no arame farpado da cerca e sangrado até morrer. Vó sentiu a secura na boca, que em breve se molharia de lágrimas. Ela sabia o que ia acontecer. Sua mãe, por detrás da porta, desembainhou a vara de marmelo, daquelas que não envergam, levantou seu vestido e sovou seu corpo por um longo tempo, até tirar sangue. Vó conta que lembra de se urinar toda e continuar apanhando. De sentir seu couro sendo arrancado pela vara que não envergava.

A mãe disse que a sova era pelo porco que agora não teriam mais, por ser enxerida e ir na casa de quem não convém e por fazer o que não se deve. Sua irmã mais velha a pegou no canto, toda suja das fezes, da urina e do sangue que havia soltado ao longo da surra, e a levou em silêncio para o banho, com o corpo ardendo. Limpou o que pôde e, em seguida, a colocou de molho numa bacia com vinagre para amenizar a dor das bordoadas.

Vó não se esqueceu desse dia, nem da roupa branca do bebê que carregou, nem da vara que a sovou. Me contou essa história na beira do tanque, enquanto ela quarava a roupa branca e eu brincava de boneca. Aquela foi sua primeira fuga.

Segunda fuga

Zé Galo — trecho de carta

Comecei a rezar o terço toda noite, eu mais chorava que rezava, isso durou um ano. Encontrei a fé nas orações e nas lágrimas. Com dezenove anos, me casei, não com o amor da minha vida ou com quem eu queria. Corri o risco de me casar com outro para me livrar da crueldade dos meus pais e das minhas irmãs. Vou contar o que eles me faziam, o trabalho da infância, o dia de roça, o jantar que tinha que ser feito e servido, a roupa que precisava ser quarada, o fumo que precisava ser plantado, a pimenta.

Fiz meu enxoval para me casar com o homem que amava, costurei, bordei cada peça. Eles queimaram para não trazer maldição para a vida que eles queriam para mim. O que eu precisava guardar daquela história ficava no canto do peito, escondido, um papel com o nome dele para não esquecer e a aliança de noivado que ele havia me dado. Casei para sobreviver.

Zé Galo foi meu marido, com quem vivi 52 anos. Tinha esse nome porque o pai era muito briguento e foi apelidado de galo de briga, dando sucessão aos filhos Zé Galo, Antônio Galo, Ataíde Galo e Paulo Ganso. Vi ele pela primeira vez no caminho da missa em Taquaraçu de Baixo, sentado no alto da moita de palha de milho, com uma roupa clara, da mesma cor que a moita. Disse para uma das minhas irmãs que, se eu me casasse com um daqueles homens que estavam ali trabalhando, seria com aquele ali no alto. Na volta passamos com mamãe na casa da mãe dele por coincidência, ele me olhou, eu olhei de volta. Maria, minha irmã, achou uma boa e me disse para eu me casar e me livrar daquela casa que me culpava por tudo que acontecia. Ela ia lá toda semana

entregar ovo e pimenta, e levava e trazia recados. Começou assim nosso namoro.

No início do namoro, coloquei minha história a limpo. Disse que até poderia me casar, mas que ainda era apaixonada, que tinha um anel de noivado que não devolveria e que apenas deixaria a paixão dormir. Meu marido aceitou, e me garantiu que agora iria viver para me fazer esquecer esse amor proibido. Não foi o que aconteceu.

Namoramos seis meses, nos casamos em nove. Meu pai havia oferecido um pedaço do terreno da roça para ele construir nossa casa. Eu estava sentada ao lado dos dois quando a proposta apareceu. Me levantei e coloquei como condição não continuar na fazenda, debaixo das asas do meu pai. Para o casamento acontecer, eu teria que ir embora dali.

Foi assim que viemos parar em Santa Luzia. Zé veio primeiro, em busca de trabalho, e logo arrumou nosso barracão de três cômodos. Casamos no dia 21 de setembro por causa da entrada da primavera, porque eu amava flores, ao meio-dia. Ninguém se casava a essa hora naquela época, e isso acabou rendendo conversa na cidade. Vivemos cinquenta anos juntos, criamos sete filhos incríveis, adotamos a caçula que agora tem 38 anos.

Você sabe o que é casar com um homem e estar com outro guardado no cantinho do coração? Quantas vezes eu olhei para ele e pensei: por que este homem que dorme comigo todos os dias não é o amor da minha vida?

Procurando uma fuga para me ver livre da minha família, pensei em casar e depois separar, procurar um estudo e dar a volta por cima. Mas meu marido me conquistou com carinho e silêncio. Esse homem foi enviado por Deus. Zé também foi meu amor — de outro jeito, mas foi.

Terceira fuga

Procurando o fim do mundo

Às vezes eu sonho com essa história, talvez tenha sido ela que me trouxe até aqui, à escrita deste ensaio. Minha mãe sempre a contou do jeito de quem via de fora. Vó contava do sobrenatural, do jeito de quem viveu.

Minha avó descobriu a religião quando sofria de amor, diz que encontrou Deus e o acalanto para aguentar a vida que lhe foi imposta. Ela já tinha os meninos, era casada com vovô, tinha a casa verde no Campo Santa Cruz e a horta. Num domingo de igreja, ouviu o pastor dizer que o fim dos tempos estava próximo. Na manhã seguinte, decidiu ir atrás desse fim. Se vestiu e entrou no primeiro ônibus que ia de Santa Luzia para Belo Horizonte. Foi parar na capital, sozinha, sem saber muito bem qual era o destino. Sua única certeza era a de que o fim do mundo precisava ser encontrado. Desceu do ônibus na praça principal, que dava direto para a estação de trem.

O trem de ferro cruzava para outra cidade, era tudo que ela sabia. Tinha o dinheiro contado para entrar nele. Ela se lembra das cadeiras, que nesse tempo eram acolchoadas, e de que o trem tinha varanda. Sentou-se num banco lateral sozinha, com o olhar assustado de quem tinha tido coragem, mas não sabia ao certo de quê. Antes do trem dar partida, um homem sentou-se ao seu lado. Era um homem alto, magro, no formato de um esqueleto, de terno jeans claro, chapéu e o bolso cheio de notas de cruzado. Ela conta que nunca o tinha visto antes, mas que ele a chamava pelo nome. O homem tirou algumas moedas do bolso e disse que havia o suficiente para um lanche e

dois vales-transporte, um para ela ir embora, outro para ela voltar caso seu marido não a aceitasse em casa. Ela argumentou que precisava ir até o fim do mundo, que o mundo estava acabando. Ele olhou gentilmente para ela e contou que Zé estava em casa com os meninos, esperando por ela. Ela se convenceu quando lembrou do que tinha deixado em casa, aceitou as moedas e desceu do trem. Comeu um enrolado na capital e voltou no último ônibus.

Chegou já de noite e encontrou meu avô e os filhos na porta, sentados no alpendre. Ele tinha a cara inchada de quem havia passado o dia chorando. Meu avô tinha cozinhado uma panela de tropeiro enquanto rezava para que as almas do mundo a trouxessem de volta. Ela perguntou se ele queria saber por onde ela tinha andado e ele disse que não, que estava feliz que ela tinha voltado e só queria cuidar das pernas dela, que estavam sangrando de tanto andar. Ela comeu e se deitou, sem ter encontrado o fim do mundo a tempo.

Vovó amanhece no dia seguinte e decide caminhar até a fazenda da Enjeitada. Sai de casa ainda de camisola. Caminha por longas horas, até chegar na estrada de Taquaraçu e descer a Enjeitada. Procura sua mãe, que a essa hora já sabia do sumiço e da lua da filha que tinha virado. Vó conta o que aconteceu, fala de tudo que viu e do homem que encontrou. De olhos arregalados, a mãe pergunta a estatura da alma que ela havia encontrado, e responde dizendo que não foi gente humana que a ajudou. A única pessoa na terra que usava aquele terno jeans e sempre tinha moedas no bolso já havia partido fazia 33 anos, era o avô dela, pai do seu pai. Ele vivia com dinheiro no bolso para emprestar ao povo da cidade. Minha avó nunca entendeu o que lhe aconteceu naquele dia,

mas sabe que não foi algo dos humanos, e agradece a Deus por ter sido a única a se encontrar com seu avô.

Essa mesma história eu já conhecia de outro jeito, mãe a contava sempre que se desentendia com minha avó. Na outra versão, vovó vai embora de casa para procurar o fim do mundo e o amor proibido, some o dia inteiro e reaparece porque meu avô passou o dia debulhando-se em lágrimas e cozinhando as comidas favoritas dela para que ela sentisse o cheiro e quisesse voltar.

História proibida

Meu rumo e o da minha avó se encontram quando eu descubro minha história proibida e ela me conta a dela. História proibida é essa que obriga a gente a enfrentar pai, mãe e todas as caras viradas de tias e tios na mesa de almoço do domingo. Vivendo como se sentir algo no peito fosse sintoma de doença. Vó se apaixonou por um homem preto aos treze anos. Eu me apaixonei por uma mulher aos dezenove. Cada história teve seu desfecho de acordo com o que seu tempo permitia, e cada uma fez o que era cabido na própria história.

O amor proibido dela

Perguntei para vovó quando foi a primeira vez que ela viu Sebastião, queria saber como algo que perdurou no peito do início da vida até os 76 anos começa. Se é de primeira que a gente vê algo grandioso assim e entende a proporção.

Meu bisavô, pai dela, sempre teve horta e vendia de tudo na feira: repolho, abóbora, couve, fumo. Na casa dela eram

seis filhas mulheres e quatro filhos homens, todo mundo batia enxada na roça, não tinha isso de mulher não pegar no pesado. Mulher pegava na enxada, plantava, roçava, colhia. A diferença é que, chegando em casa, as filhas davam conta da limpeza e da roupa e os filhos sentavam na mesa para servir. Minha avó era a cozinheira da casa. No meio do dia, ela ia para casa terminar o almoço, e a regra era manter a porta fechada.

Ela tinha treze anos e trabalhava na horta quando o avistou. Sebastião, seu amor proibido, era funcionário do pai dela, tinha dezoito anos e olhava de volta por baixo das folhas.

O pai dela tinha criado uma condição para os funcionários da fazenda: quando fossem pegar água na cisterna, na beira da cozinha, eles não podiam abrir a porta e ver as filhas dele. Já ela olhava pelas gretas da janela e o via entre as grades do basculante. Ela logo começou a encontrar, na beira do poço, manga-espada doce e bala de caramelo, que ele deixava para ela. Daí então ela começou a escrever cartas escondida, enquanto cuidava da casa. Ela mandava as cartas enroladas em pedras, e recebia algumas, escondidas no quintal, perto das manilhas. O namoro de canto de olho na horta agora era palavra concreta de amor no papel. Durou desse jeito dois anos e depois virou namoro de domingo na sala. Uma vez na semana e sem beijo.

Vó disse que olhava para ele e via a pessoa mais bonita do mundo, alto, magro, da pele preta, com olhar sereno e o suor de roça lavando o rosto entre um sorriso tímido e outro. Disse que nunca sentiu um amor tão grandioso no peito, desses de novela, que só de olhar estremecia o couro. Na véspera do Natal, ganhou um anel de noivado

que causou inveja nas irmãs, e passou a ser perseguida pelas fofocas delas em casa.

O pai dela não gostava do romance, mesmo tendo permitido. Decidiu um dia que já era hora de pôr fim, antes que houvesse futuro, e demitiu o rapaz. O namoro continuou entre olhares tortos dos outros e não cumprimentos na sala. Durou até o dia em que Sebastião comprou aliança e marcou de pedi-la em casamento. Nesse mesmo dia, o pai dela pegou estrada para a cidade vizinha e foi batizar outro filho para não ter que ouvir a proposta.

O compromisso foi encerrado, não porque faltavam amor, desejo ou planos, e sim porque meu bisavô dizia que filha dele não se casaria com homem preto, pobre, que trabalhasse para ele. Daí em diante, aquele amor se tornaria enredo de fugas, delírios, laudos médicos, proibições e culpa.

Numa carta que li em seu diário, ela escreve que, um ano depois do fim, pesava quarenta quilos e a cidade toda sabia do seu choro. Parou de comer, de sair, de querer, de rir, de conversar e descobriu como esconder o sofrimento atrás do trabalho. Conheceu a depressão pela primeira vez e nunca mais soltou mão dela.

Ele queria esconder as filhas, ^{para não ter vergonha} principal mente
eu, porque eu era o ^{oposto} que mais dei trabalho, eu
que amava a ome que era empregado dele ele
~~se era~~ ~~era~~ ~~um~~ ~~homem~~ ~~de~~ ~~cor~~, ^{para} meu
pai era um defeito, meu Deus quanto invejaram
na, não sabendo ele para mim e o homem perfeito que já
encontrei neste mundo, a beleza dele não está na apa-
rencia no interior mas infelizmente, meu pai não
tinha visão espiritual, continuando o dono da
fazenda não deixou ele enganado, explicou para ele
o ^{objetivo} da fazenda ter este nome era por cau-
za das cobras venenosas, durante um mês, moraria
trez pelas piladas por elas, me acim ele não gostou
ele queria mesmo não esconder, mais o Sr. é tão
boom que eu fiquei lá somente 1 ano pi ai que já
cansado de viver assim, conhecer o meu marido
que casei para si vir livre dos meus pais, porque
eu não aguentava mais aquela situação, eu era
puder nesta história, as 3 irmãs viria mi alfiado
por causa do tamanho proreza, ele gastaria dinheiro
no lam um malucoso chamado José Rosa, ele pen-
sava que este homem estava ajudando dar ofim
no mole namoro, ele só parou de dar dinheiro
para este feiticeiro, foi quando ele ficou sabendo
que eu estava namorando outro, não sabendo ele
que eu estava procurando uma fulga para sair
láire debz eu pncei com casa e depois eu dou um
jeito de separar dele, eu pensei com estudar e mi
formar e vou dar a volta por cima, mas meu marido
foi muito sábio, mi conquistou com carinho e
cilecia, virá a folha

Santa Teresia 9-8-2:18

Meu Deus eu estou Ti escrevendo
para pedir forças porque para vencer
todas as lutas que vêm porai eu preci-
zo do Senhor, mudando muitas forças
e como preciso do Senhor, ja estou entre-
gando a minha vida na tuas mãos,
domingo e dia dos pais, como sei
que tudo vem ao meu encontro, uns
para chorar a falta do pai outros para
conversar, então eu preciso estar bem
preparada para dar palavras de consor-
to para aqueles, que não compreenderam
a sua vontade até hoje, porque eu ja
aceitei que foi a sua vontade de levar
o papai deles, fazer o que eu ja falei
com os mais, resultado que aceitanda
dei menos e peço que o Senhor venha
dar compreensão para todos eles, no
mais Vou terminar com o meu abraço
Maria mulher imperfuta que sou

(32)
Merece^{va} 43

Maria de Lourdes F.

17

Saudades e pedra dura que daí

na minha alma, daí só quando se ama, meus pais descobriram ficarem na minha vida quando não me deixaram viver na horta junto com as outras irmãs, e as outras moças que ele tinha como empregadas deles, isto para mim já foi cruel, aí então foi que eu decidi a compra este rapaz para frequentar a minha casa, meus pais sempre falando com amigo que não queria aquele moço, e se ali insistente, e meu pai e minha mãe eram espírito, significava frequentar um centro de indução, em tal aí eu já tinha completado 15 anos, mas eu não gostava daquele rapaz, então ele resolveu mudar um ano de moradia, quando papai e mamãe descobriram que ele estava a fazer si fazer comigo, foi aí que o castigo deu, quando eles viram que nos estava aproximados, eles resolveram a dar dinheiro para este maculeiro que não foi pouco, até um casa em vez disso ele deu de presente esta casa que tem uma casa de 19 cômodos, tudo isto para para ele reparar nos dois, e por isso que ele conseguiu, eu fiquei muito triste, por amar tanto aquele rapaz e ele não se aceito para ser meu esposo, somente porque ele era pobre e de cor, para mim ele era o meu príncipe encantado.

Meu amor proibido

Vivi meu amor proibido, que me tirou de casa e do armário, para não ter que imaginar como teria sido. Me apaixonei por uma mulher pela primeira vez, sem muito saber como se fazia e sem pensar se podia. Já tinha beijado meninas em festas, mas não me achava bissexual por isso. Em Belo Horizonte, todo mundo se beija e amanhece hétero no dia seguinte. Eu já a conhecia da faculdade, fazia piadas com seu nome que parecia um país, olhava para ela pelos corredores do prédio e sabia que ela também me via. Um dia sentei em um bar com um amigo, tomei uma cerveja, criei coragem e pedi ajuda para escrever uma mensagem chamando-a para sair. Não sabia nada, nem de sexo com meninas, nem de cortejo com sapatão, tampouco do que aconteceria. Marcamos um jantar no final de semana. Ao som do vinil de Los Panchos, eu passei a noite fazendo piadas para disfarçar a timidez e me apaixonando instintivamente por aquela mulher. Depois, passei meses vivendo meu amor proibido pela cidade como se fosse permitido.

No dia em que terminamos, corri para casa depois de algumas semanas sem pisar no meu quarto, queria chorar na minha cama e no colo da minha mãe. Conte pra ela porque minha dor era maior do que qualquer proibição moral. Disse que me apaixonei, que vivi, que acabou e por fim confessei que era por uma mulher. Ela me olhou com os olhos cheios d'água e perguntou se eu já tinha usado lança-perfume também.

Ficou por horas me contando todas as vezes que ela desconfiou que eu não queria um homem. Se surpreendeu ao

saber que eu não era mais virgem havia anos e por a gente nunca ter conversado sobre o assunto, e me garantiu que eu não seria menos filha por ser pecadora. Três dias depois ela contou para o meu pai, e agora, além de um coração partido, eu tinha também sido expulsa de casa.

Não querer viver o “e se” tem dessas coisas. Vó diz que às vezes o sonho é melhor que o concreto. Eu só brinco de fantasia no carnaval e vivo deitada no divã me perguntando sobre minha fissura por pisar na realidade.

Ela sente medo do pecado e de sujar a honra de quem já foi. Escreveu para o Papa uns anos atrás, perguntando se ele achava que convinha um homem separado da igreja católica se juntar com uma mulher viúva da igreja evangélica. Nunca teve resposta. Eu, quando me apaixono, ligo para a taróloga perguntando se devo viver ou correr, por medo de me espatifar no chão, e ela me entrega um Ás de Copas e um 3 de Espadas.

Endereço trecho de carta

Sonhei na noite anterior um sonho que parecia realidade. Via ele na beirada da minha cama e um endereço, na cidade onde ele morava com a mãe quando era moço, mas que eu nunca tinha visitado. Acordei e pensei numa coisa que meu pai havia me dito, sobre resolver minha própria vida ou continuar me escondendo atrás de um trabalho para seguir com ela.

Num dia de sábado, o gás tinha acabado e Zé havia me dado dinheiro para comprar outro. Eu cozinhava no fogão a lenha e fiquei achando que foi Deus quem tomou a frente da

situação e me deixou essa oportunidade de resolver o que me apertava.

Peguei minha filha caçula de quatro meses no colo, o dinheiro que não virou gás, e fui atrás do endereço do sonho. Não que eu tivesse certeza de onde eu iria parar, mas sabia da mão de Deus, que ouvia minha prece. Segui o rumo e era a casa dele, o endereço era onde ele morava com a esposa e um filho da mesma idade que a minha.

A mulher dele me recebeu no portão, já sabia quem eu era, disse que ouviu meu nome por muitos anos. Me convidou para entrar e contou que ele não estava por ali. Vinha em casa de quinze em quinze dias, de resto passava o tempo todo na estrada trabalhando. Almoçamos e fomos lavar as fraldas de pano enquanto tecíamos conversa e eu contava o que se passava no meu coração. Ficamos amigas. Contei do sonho, das vezes em que procurava ele nos lugares, do vizinho de frente que se parecia com ele e se tornou meu tormento, dos delírios de quando via ele de noite na beira da minha cama, da angústia de nunca mais nos vermos e de imaginar ele em tudo, do sofrimento dos anos. Ela me contou que, para tudo que ela fazia, de bom ou ruim, ele lembrava meu nome. Descobri que ele também sentia ainda, que não era sentimento de um só. Passei aquela noite ganhando colo da esposa dele.

Amanheceu o dia, cozinhei um doce no tacho e deixei para ele junto com uma carta. Ela escreveu outra para o meu marido, como se fosse uma prima distante pedindo que me aceitasse de volta, salvando agora o meu casamento. Dali em diante, segui minha vida em paz, por vinte anos. Até que voltou, junto com os sonhos, o delírio, a dor, a saudade. Eu acho que esse amor continua porque eu não desisto do que eu quero tanto.

Vovô

Faz uns anos que vovô Zé morreu. Morreu sem doença certa. Ficou vinte dias no hospital e se foi. Talvez de tristeza por ter perdido os irmãos ou porque esta vida realmente tem hora marcada para acabar.

Recentemente, de saudade, voltei a assistir a uma novela às nove da noite. Quase não faço algumas coisas desde que meu avô foi embora, como assistir a novela, comer rapadura de tarde ou ligar domingo à noite para o telefone fixo de casa. Mas senti saudade dele enquanto lia as cartas de vó e quis sentar no sofá depois do trabalho, comer couve e conversar com a televisão, feito ele gostava.

Vovó dividiu a casa ao meio para diminuir a saudade. Trancou uma porta e nunca mais pisou do outro lado, mas manteve o quarto dele feito um santuário de parede verde onde, às vezes, pode-se dormir. Mudou o cenário para conseguir fazer outra história. Acabou com a horta e construiu uma piscina no lugar. Do jeito dela, ela manteve a família junta no almoço de domingo.

Deve morrer uma parte da gente quando se enterra quem dividiu a cama por cinquenta anos. Morre uma parte da gente junto com o outro e é preciso uma gestação para renascer, acho que isso é o luto. Existe uma vida com vovô e outra que inventamos depois que ele foi embora. O patriarcado tem disso, quando morre o pai, parece que se perde o guia e a gente precisa mudar o jeito para conseguir continuar. Dona Lourdes soube manter a mesa cheia e os meninos cuidados.

Por mais que a história proibida fosse nossa novela favorita, ela ainda era a fantasia do que poderia ter sido.

Perder vovô Zé foi se desfazer de um pedaço do real, tão concreto que a gente nem imaginava que um dia não estaria ali. Passamos alguns dias na roça juntas, colocando fogo em bananeira e chorando enquanto limpávamos o quintal, dormindo ao lado uma da outra, cúmplices na dor, tomando coragem para pisar na realidade.

Depois da morte, a história proibida já não era mais um silêncio pela casa, mesmo nunca tendo sido vivida. Às vezes ela diz que Deus levou meu avô porque não aceita dois no coração, e que queria ter sido ela a ir embora. Zé Galo foi o marido de Lourdes. Ele não foi seu grande amor, mas ela foi o grande amor dele, e acho que isso o fez feliz. Era meu avô, que me trazia as bananas que ele plantava, arrastava o chinelo pela casa cantando músicas com nosso nome, me dava dinheiro para ir tomar refrigerante com as meninas e me ensinou a contar histórias para fazer o olho do outro brilhar. Foi o pai da minha mãe e dos outros seis, e cuidou deles durante cada lua da minha avó. Perdeu a dentadura no rio dando sermão em cima da ponte, roçou lote e fez nossa casa no Campo, inventou as palavras trocadas mais gostosas de falar do que as verdadeiras.

Faz uns anos que ele morreu, e ainda embargamos choro pela casa quando falamos dele. A cada linha em que ele aparece, eu paro para rir ou chorar pensando no que ele diria de nós duas contando sobre a vida dele. Penso nele em todas as festas, formaturas, casamentos, nascimentos, velórios e dias importantes. Vovô sempre tinha um comentário matuto, de quem via o mundo melhor que nós e fazia a gente rir.

Zé Triste

Meu bisavô, pai de vovó, era Zeca Tomazinho, mas foi apelidado de Zé Triste. Chamaram ele assim porque saiu de casa jurado de morte pelo irmão e teve que buscar trabalho em outra cidade, sem minha bisavó e as filhas. Trabalhava chorando de saudade. Parece que chorou tudo nessa fase, longe delas, e que depois disso nunca mais derramava lágrimas na frente de outras pessoas.

Sempre que ouço uma história dele na roça, nas suas regras e costumes, sinto um frio na espinha, talvez porque tome o partido da minha vó, ou porque meus tios, seus netos, às vezes dizem que ele deve morar no inferno, sendo porteiro do diabo. Sei pouco dele, quando nasci ele já não estava mais neste mundo. Só conheci minha bisavó, mas eu era menina demais e ela já bem velha. Descobri que ele era de Nova Granja, tinha dez filhos, e às vezes sua orelha tremulava quando sentia raiva. Queimou todo o dinheiro e o tempo que tinha vivendo em busca de acabar com o amor proibido de vó, por acreditar que ele sujaria sua honra.

Uma vez ele conheceu um homem que carregava as fotos de duas fazendas, uma lá em Goiás e a outra no Paraná. O homem tinha também um contrato de compra e venda feito à mão e palavras suficientes para conseguir negociar e vender terra sem demarcação. Meu bisavô não ouviu a esposa desconfiada que dizia que ele estava comprando terra na lua e arrematou terreno sem antes ir conhecer. Juntou todas as economias que seu pai tinha deixado para comprar uma terra longe e levar minha avó e sua irmã,

que tinha fama de namoradeira, embora da fazenda. Achava que vivendo longe o coração esqueceria.

Juntou num caminhão os filhos homens, banha de porco, mantimentos, toras de lenha e arame. Atravessou o estado para cercar a terra; depois voltaria para buscar minha avó, que cozinharía para eles enquanto levantavam casa. Era o plano perfeito para acabar de vez com aquela história. O caso é que, chegando lá, tiveram que passar uns dias na barraca, marcando tocaia por causa do perigo de onça na região.

Quando conseguiram começar os trabalhos, descobriram que as terras tinham outro dono, que nunca nem tinha ouvido falar no homem que as vendeu. Meu bisavô recebeu convite de um capanga para descer até o final do rio e ver o desfecho dos que chegavam ali tentando tomar terra. Viu um rio de água cristalina cheio de ossada de gente no fundo. Entendido o recado, juntou os meninos e o acampamento e voltou para Taquaraçu, sem dinheiro e sem terra. Culpou minha vó pelo atropelo e pela falência. Não resolveu o coração dela nem a própria honra.

Recorreu ao feiticeiro com quem pegava fé desde sua chegada à cidade. Zé Rosa, nessa época, era chamado de feiticeiro ou por intolerância religiosa ou por sincretismo. Dizem que era poderoso. Vó conta de uma magia dele que fez brotar cupim na caixa com as cartas que ela recebia de Sebastião. Os cupins comeram todos os papéis, deixando ela sem nenhuma prova do amor que viveu.

Zé Triste queria esconder as filhas por medo de elas se casarem com pobres, e acabou se tornando um. Por fim, limpou as cadernetas de poupança que havia juntado para cada filho e comprou a Fazenda da Enjeitada. Na época, o

preço foi baixo devido às cobras que havia no lugar, que já tinham picado e levado à morte três pessoas. Foi nessa fazenda que vovó viveu o último ano antes de decidir se casar com vovô. Ainda vou lá uma vez a cada dez anos, ver meus tios-avôs. Foi lá que Lourdes se despediu do pai no final da festa de casamento e viu ele chorar pela primeira vez na sua vida.

Conversas com Deus

Quando eu era criança, minha mãe era crente de igreja pentecostal e não havia a menor chance de apelarmos para um tratamento qualquer que não fosse autorizado pelo Drauzio Varella no Fantástico ou pedido de joelhos na beira da cama. Já vovó sempre sabia de uma coisa que ouviu, que soube de algum lugar, um chá que fazia isso, um banho que faria aquilo, uma fé numa coisa que, feita do jeito certo, podia resolver. Tive pouca paciência para guardar essas receitas, mas aprendi que babosa cura qualquer mal do corpo.

Quando eu era menina, com meus sete anos, morria de vergonha de usar roupas que não tapassem meus joelhos. Tinha vergonha do conjunto de verrugas que nasciam no joelho direito, bordeadas pela pele escura das juntas. Acho que alguém riu disso num dia de domingo e eu fiquei irritada. Vovô Zé disse que elas tinham nascido porque eu devia ter passado alguma noite contando estrelas. Eu quase não olhava mais para o céu à noite com medo de nascerem mais e, se olhava, pedia para o meu cérebro esquecer qualquer sequência de números. Uma tarde, subi para brincar na beirada da máquina de costura e vovó me

catou antes da janta, acendeu o fogão a lenha e me ensinou um ritual para acabar de vez com aquilo. Não lembro bem os detalhes, mas ela passou alguma folha no meu joelho e a queimou entre as toras, e eu passei o resto do dia sem olhar para o céu. Por crença ou biologia, as verrugas sumiram. Eu também era criança pentecostal, e depois disso pude voltar a usar minha saia jeans para o culto de domingo.

Ao mesmo tempo que sabia simpatia para curar verruga, ela me levava toda terça de manhã ao culto da igreja Universal para trocar o algodão da rosa do milagre impossível. Eu não sei que milagre impossível uma criança de sete anos poderia pedir, mas ia toda terça cedo, com fé, com ela.

Gosto da finitude, enquanto vovó espera a vida eterna. Converso com Deus como se ele fosse meu subconsciente, enquanto vovó escreve cartas e tem diálogos sozinha como se ele fosse um dos membros da casa. Cultivo a fé que ela e minha mãe me deram, gosto dos ritos e do mistério. Acredito a ponto de brincar e saber que Deus ri, enquanto vovó leva a sério e guarda para ele suas lágrimas. No seu diário, ela conta que foi quando mais sofreu de amor que rezou o terço, e que se curou quando encontrou o evangelho do senhor Jesus. Eu me dei conta de que Deus era real numa madrugada na beira da praia, com a lua cheia e a maré baixa.

Vovó se recusou a se confessar com o padre antes do casamento porque sabia que pecava. Às vezes eu esqueço que existe pecado, mas peço perdão. Ela teve a vida protegida das magias do feiticeiro que o pai pagava para guerrear contra ela, mas perdeu as cartas para um feitiço dele. Eu fui protegida com óleo de unção besuntado na testa até as espinhas chegarem e benzo até hoje com Dona Helena.

Ela encontrou a alma do seu avô num trem, anos depois de ele ter morrido. Eu nunca vi um morto depois da morte. Ela começou a escrever quando encontrou Deus, e desde então escreve cartas para ele todo dia. Encontrou na fé a figura de um amigo que entende tudo que ela diz e que acalma a angústia do coração. Eu discuto, brigo, faço pirraça, às vezes choro, peço desculpa, e acredito num Deus que vive na minha cabeça, conversamos o dia todo. Acendo vela para abrir caminho, vou aos cultos da igreja domingo de manhã, queria ser missionária quando era pequena só para conhecer o mundo de graça, sopro canela nos primeiros dias do mês.

Sua fé permeia muitos credos de um jeito genuíno. Independentemente da direção para onde a devoção e os rituais a conduzem, sua fé é sempre num Deus amigo da dona de casa. Vovó tem essa relação com o sagrado, que não está aqui para resolver política, moral ou coisa do tipo, mas atua bem ali, no ordinário do cotidiano. A guerra do Deus dela é resolver briga de irmão, curar uma sarna do corpo, render a colheita da horta, convencer meu avô de uma construção nova, ou dar colo quando a vida de mãe cansa. Talvez nós duas conheçamos o mesmo Deus em dias diferentes. Fé é essa coisa que é herança, mas também é caminho próprio.

Pulsão artística

Vó coleciona panos de prato. Ela pega os panos que ganha de brinde quando pede um botijão no TeleGás Xavier, com um versículo e o telefone, e pinta algum cesto de fruta por cima, fazendo um babado de retalho

no rodapé. Ganhei vários desses quando me mudei para a minha casa.

Ela pica com delicadeza tiras finas de couve que mais parecem fio de linha, ao contrário das minhas, que ela sempre diz que têm a grossura de um dedo.

Tenho pelo menos cem fotos, de dias distintos, dela na beirada da máquina de costura. Ela sempre está lá, das primeiras à última lembrança, desde sempre e na semana passada, na casa dela e no mato. Fotografo com medo de um dia não a ver mais ali e esquecer a cena.

Todos os cadernos da nossa casa têm alguma conta, um hino da igreja e uma carta que ela escreveu. Minha avó escreve todo dia, troca o “i” pelo “e”, e constrói a própria ortografia. Leio o que ela escreve como se fosse um idioma que aprendi.

Mulheres imperfeitas

Minha mãe viveu o oposto da minha vó e se casou com quem quis, mesmo ninguém querendo. Viveu 33 anos de outro tipo de amor, que não era proibido, e era voraz. Desses que devoram até a gente mesma e, quando acaba, faz a gente ter que se procurar.

Vó até hoje não fez concreto seu amor proibido, vive escapando do encontro. Disse que agora sente medo da paixão, de que a essa altura tenha que se ver com homem e passar o resto da vida na roça lavando roupa e cozinhando. Eu também teria, mas tenho mais medo do “e se” do que do “foi”.

Ela inventa todo dia um motivo para não ir, não porque não sinta mais tudo aquilo, mas porque amor não é mais só

romance. Amor também é trocar o fogão a lenha por um aeroporto e ir à praia.

Eu continuo a dançar entre amor de homem e amor de mulher. Reconheço meu pai nessa história de não amar tudo de uma vez só. Não procuro um grande amor para juntar todas as instituições — casa, filho, desejo e dinheiro — numa única coisa. Esses dias, vó disse que qualquer paixão me diverte. Talvez eu tenha achado o meio do caminho do desejo e aprendido o passo entre ela e mãe, sendo eu. Existindo sozinha, amando pelas beiradas, fazendo planos de envelhecer numa casa na roça, ao lado da minha comadre, encontrando amor também assim.

Na fantasia, na concretude, no amor proibido ou no voraz, no delírio, na sanidade, na efemeridade ou no para sempre, no que foi ou no que poderia ter sido, as mulheres da minha casa aprenderam a sentir fundo e a voltar para a superfície sozinhas, mesmo quando alguém nada ao lado.

Não tem jeito certo de viver o desejo, nem tempo ideal ou norma de sexualidade correta. Tem a gente e o que se faz com a própria história. Talvez seja isso que faz as mulheres imperfeitas. Que sorte ser uma delas.

escrita dos dias

Escrita dos dias é um projeto de criação e partilha de escrita biográfica. As práticas de escrita envolvem escolhas, ritmos e desejos variados, e com elas a radicalidade da relação entre literatura e política é reafirmada. Todos e qualquer um têm o que dizer, e para isso é preciso desdobrar a língua, escutando nela a diferenciação, e inscrever a variação de vozes sem rasurar a multiplicidade irreduzível. Para isso, é decisivo propiciar condições de criação e publicação, de maneira que o exercício da escrita seja experimentado e compartilhado de modo variado e inclusivo — este é o gesto com o qual o projeto *Escrita dos dias* quer colaborar.

A primeira edição do projeto (2021-2022) foi dedicada a jovens entre 18 e 25 anos da Região Metropolitana de Belo Horizonte. A proposta era praticar a escrita como criação — de subjetividade, de memórias, da própria língua —, apostando que a invenção e a troca são também maneiras de reconfiguração do comum. As participantes foram cinco mulheres: Carmen Marçal, Clara Amorim, Gabriela Albuquerque, Mallu Caetano e Nayara Leite.

Nesta segunda edição (2023-2024), o projeto dedicou-se à maternidade como tema e questão. Mulheres com e

sem filhos, escrevendo a partir da experiência com crianças, com a própria mãe, com a avó, com outras mulheres escritoras, com o sexo, com a doença, com a perda, com a memória — a variedade de experiências e formas de escrita amplia o significante *maternidade*, afastando a ideia de um destino natural da mulher e abrindo-o como experiência inseparável da singularidade, que ao mesmo tempo pode ser oferecida ao em comum. A proposta, aqui, foi estar à escuta das variações da maternidade pela escrita de Dolores Orange, Flavia Carvalho, Lorena Barbosa, Malu Grossi Maia e Marina Apolinario — e, com a publicação, inspirar outras a escreverem.

Nas duas edições, os trabalhos das residentes apontam para a necessidade de reescrever a maneira como narramos a nós mesmas, e como partilhamos nossas experiências. Os textos foram publicados em edições impressa, digital e sonora distribuídas gratuitamente, e estão disponíveis em escritadosdias.org. Parte do material desta segunda edição também está disponível na plataforma ELAS, espaço de escrita, pesquisa, pensamento e partilha sobre maternidade: elasescrevem.org.

Escrita dos dias II

Práticas de escrita
biográfica sobre
maternidade

Coordenação do projeto

Maria Carolina Fenati

Oficinas

Carolina Junqueira,
Dalva Maria Soares
Fabiana Carneiro
da Silva

Acompanhamento das residências

Cecília Rocha
Fernanda Regaldo

Residentes

Dolores Orange
Flavia Carvalho
Lorena Barbosa
Malu Grossi Maia
Marina Apolinario

Arte do site

Clara Meliande
Julia Sa Earp
Marina Siritto

Projeto gráfico da publicação

Luísa Rabello

Diagramação

Juliano Vituri

Coordenação da publicação e preparação de texto

Cecília Rocha
Fernanda Regaldo
Maria Carolina Fenati

Revisão

Andrea Stahel

Edição sonora

O Grivo

Gestão financeira

Flávia Mafra

E74 Escrita dos dias II: práticas de escrita biográfica sobre
maternidade / Organizadoras Cecília Rocha, Fernanda
Regaldo, Maria Carolina Fenati. — Belo Horizonte, MG:
Ed. do Autor, 2024.

212 p. : il. ; 13 x 19 cm — (Escrita dos Dias; v. 2)

ISBN 978-65-5872-863-4

1. Literatura brasileira — Miscelânea. I. Rocha, Cecília.
II. Regaldo, Fernanda. III. Fenati, Maria Carolina. IV. Série.

CDD B869.8

Elaborado por Maurício Amormino Júnior — CRB6/2422

Papel da capa: Cartão Supremo 250g
Papel do miolo: Chambril Avena 90g
Tipografia dos títulos: Akzidenz-Grotesk
Tipografia dos textos: Cardo
Tiragem: 750 exemplares
Impressão: Formato

Belo Horizonte, 2024

Este projeto foi realizado com recursos
da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte.
Projeto 2332/2021

Patrocínio



Realização



Incentivo



CULTURA

**PREFEITURA
BELO HORIZONTE**
trabalho energia coração

